

Este exemplar é a redação final da tese  
defendida por Rosana do Carmo

NOVAES PINTO

e aprovada pela Comissão Julgadora em  
15/12/1992.

MazHadleyFeldny.

AGRAMATISMO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DO PROCESSAMENTO

NORMAL DA LINGUAGEM

por

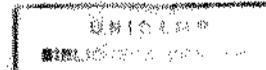
Rosana do Carmo Novaes Pinto

Dissertação apresentada ao  
Departamento de Linguística  
do Instituto de Estudos da  
Linguagem da Universidade  
Estadual de Campinas como  
requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre  
em Linguística.

P658a

18638/BC

CAMPINAS - 1992





COMISSÃO JULGADORA:

Martínez Prado  
Tom  
Simpson

"Não há crime maior que destruir um sonho,  
nem maior maior virtude que realizá-lo"

(Autor desconhecido)

D E D I C O      E S T E      T R A B A L H O

a todos aqueles que estiveram sempre presentes ao longo do  
caminho, ajudando a realizar este meu sonho.

Especialmente a:

Antonio Carlos, meu marido

Minhas filhas Natalia e Marilia

Meus pais Ilda e Teodoro

## AGRADECIMENTOS

- A Maria Irma Hadler Coudry, a quem muito admiro, cujo trabalho na Área de Neurolinguística tem sido da maior importância, não só para o Instituto de Estudos da Linguagem mas, principalmente, para todos estes pacientes que puderam contar com sua experiência e carinho durante todos estes anos.
- A Carlos Franchi e Sírio Possenti, pela atenção que têm dedicado aos estudos afasiológicos no IEL, contribuindo com seus conhecimentos das áreas de Sintaxe e Análise do Discurso, e especialmente pelos preciosos comentários referentes a este estudo e pelo incentivo para que este seja apenas o início de um longo trabalho em busca de respostas.
- A Edwiges Maria Morato, pela amizade, pelas indicações de leituras e pelos valiosos dados comigo compartilhados.
- Ao sujeito P, sempre tão pronto a colaborar, com tão boa vontade; maior prova de que este caminho que hoje percorremos V A L E A PENA !!!

## RESUMO

O fenômeno do agramatismo tem sido um dos mais estudados, recentemente, pois acredita-se que possa contribuir para o estudo do processamento normal da linguagem.

Há, entretanto, muitas controvérsias em sua descrição e diferentes hipóteses explicativas para seus mecanismos subjacentes. Devido ao fenômeno da variação no padrão de ocorrência de sintomas, alguns pesquisadores decidem abandonar o estudo do agramatismo.

A partir da reflexão feita a respeito da multiplicidade do fenômeno, sobre os principais modelos explicativos e sobre a metodologia utilizada na sua investigação, procuro mostrar que seu estudo, no âmbito da Linguística, à luz de uma teoria orientada discursivamente, poderá contribuir para o estudo do processamento normal de linguagem.

CANDIDATA: ROSANA DO CARMO NOVAES PINTO

ORIENTADORA: MARIA IRMA HADLER COUDRY

## INDICE

|                  |   |
|------------------|---|
| PREFACIO .....   | i |
| INTRODUÇÃO ..... | i |

## PRIMEIRA PARTE

### AGRAMATISMO: MOTIVAÇÕES TEÓRICAS, CARACTERIZAÇÃO, MECANISMOS SUBJACENTES E METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

#### CAPÍTULO 1

|  |    |
|--|----|
| Agramatismo: Motivações Teóricas para seu estudo ... | 11 |
|--|----|

#### CAPÍTULO 2

|  |    |
|--|----|
| A multiplicidade do fenômeno e as principais controvérsias .....                         | 18 |
| 2.1. A variação nas descrições do agramatismo ....                                       | 18 |
| 2.2. A consequência do estudo do agramatismo em Inglês, nas descrições do fenômeno ..... | 19 |
| 2.3. Importância dos estudos de agramatismo em outras línguas .....                      | 21 |
| 2.4. Principais controvérsias teóricas .....   | 23 |
| 2.4.1. Agramatismo: sintoma ou síndrome? ....  | 24 |
| 2.4.2. Produção e compreensão: definições em termos de "oposição" .....                  | 26 |
| 2.4.3. Variação no padrão de coocorrências de sintomas .....                             | 28 |

#### CAPÍTULO 3

|  |    |
|--|----|
| Principais modelos descritivos e explicativos para o fenômeno do agramatismo .....                         | 32 |
| 3.1. A teoria modular .....  | 33 |
| 3.1.1. Fracionamento e Transparência .....   | 35 |
| 3.1.2. A aplicação do modelo componencial de Caramazza & Berndt aos dados do agramatismo .....             | 36 |
| 3.2. O modelo linguístico de Jakobson .....  | 38 |
| 3.3. A hipótese fonológica de Kean e outros .....  | 41 |
| 3.4. Grodzinsky e a hipótese sobre a dificuldade com a representação dos traços de elementos movidos ..... | 42 |
| 3.5. Hipótese da "economia" .....  | 43 |

## CAPÍTULO 4

|  |    |
|--|----|
| A metodologia de investigação do agramatismo .....                       | 45 |
| 4.1. Proliferação de terminologias e dicotomias ....                     | 45 |
| 4.2. Análise da relação entre fala espontânea e déficit subjacente ..... | 47 |
| 4.3. Testes: Dilemas metodológicos .....                                 | 50 |
| 4.4. Testes mais utilizados no estudo do agramatismo .....               | 57 |
| 4.4.1. Os testes de M.L.U. ....  | 58 |
| 4.4.2. Testes para verificar a compreensão ....                          | 58 |
| 4.4.3. Teste de Julgamento de Gramaticalidade .                          | 60 |
| 4.5. As conclusões tiradas a partir de análises estatísticas .....       | 62 |

## SEGUNDA PARTE

### AGRAMATISMO E PROCESSAMENTO NORMAL DA LINGUAGEM

## CAPÍTULO 5

|  |    |
|--|----|
| O Teste de Julgamento de Gramaticalidade .....                             | 67 |
| 5.1. O Teste de Julgamento de Gramaticalidade de Linnebarger et al. ....   | 67 |
| 5.2. Condições do teste que não se aplicam ao Português .....              | 71 |
| 5.3. Condições sintáticas testadas no Português ...                        | 74 |
| 5.3.1. Primeira sessão de testes .....                                     | 74 |
| 5.3.2. Segunda Sessão de testes .....                                      | 85 |
| 5.4. Conclusões a respeito do teste de julgamento de gramaticalidade ..... | 90 |

## CAPÍTULO 6

|   |     |
|---|-----|
| O estudo do agramatismo e o estudo do processamento normal da linguagem .....                               | 94  |
| 6.1. Cérebro e linguagem: Idealização de modelos ...  | 98  |
| 6.1.1. O cérebro médio .....  | 98  |
| 6.1.2. O falante ideal .....  | 106 |
| 6.2. Os distúrbios de linguagem analisados à luz de uma teoria de linguagem orientada discursivamente ..... | 108 |
| 6.3. A contribuição dos trabalhos de Kolk et al. e de Heesch .....  | 116 |
| 6.4. A questão da metodologia retomada à luz desta teoria de linguagem orientada discursivamente.           | 121 |
| 6.5. Conclusões .....   | 123 |

Nota Referente aos Anexos ..... 127

**ANEXO A**

Teste de Julgamento de Gramaticalidade aplicado a  
P (Dividido por condições sintáticas) ..... 128

**ANEXO B**

Teste de Julgamento de Gramaticalidade aplicado a  
P (Apresentação das sentenças na ordem em que foram  
aplicadas) ..... 142

**ANEXO C**

Resumo dos resultados obtidos no Teste de Julgamento  
de Gramaticalidade por Linnebarger et al. ..... 153

**REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS ..... 155**

## PREFACIO

Desde o primeiro contato com a Neurolinguística, durante uma palestra de Coudry, ainda no curso de Graduação em Letras do IEL, em 1987, sinto-me impulsionada a aprender, cada vez mais, sobre a fascinante relação entre o cérebro e a linguagem que nos é revelada, sobretudo, através das patologias.

Já em um outro curso da Pós-Graduação, em 1989, um dos participantes - Dr. Benito Damasceno - neuropsicólogo que trabalha na Faculdade de Ciências Médicas do Hospital das Clínicas da Unicamp (FCM), lançou uma questão referente à pertinência da aplicação do Teste de Julgamento de Gramaticalidade, de Linebarger et al. (1983), a pacientes com distúrbios afásicos e/ou demenciais.

De início, achamos que o trabalho seria simplesmente o de traduzir o teste, adaptando condições sintáticas do Português, e que teríamos os resultados destas avaliações em um período bastante curto de tempo. Fiquei encarregada desta tarefa.

Ao analisar os conceitos teóricos e, principalmente, os procedimentos metodológicos envolvidos no trabalho das autoras, percebi que a tarefa não era tão simples quanto parecia. O teste foi adaptado e aplicado em Junho de 1990, a dois pacientes com afasia, sendo um deles agramático - o sujeito P - que tem sido acompanhado por Coudry desde 1983. Os resultados foram analisados e comparados aos apresentados pelas autoras. A partir das conclusões a este respeito, entretanto, percebi que o teste já não podia mais ser o objetivo central da minha pesquisa, mas sim um ponto de partida para o estudo do fenômeno do agramatismo.

Ao lidar na prática com a questão metodológica, surgiu a necessidade de um maior conhecimento sobre a caracterização do agramatismo e das principais hipóteses explicativas quanto aos seus mecanismos subjacentes. Caso contrário, seria praticamente impossível apontar para novos caminhos teóricos e contribuir para melhorar procedimentos avaliativos e terapêuticos.

O estudo longitudinal de casos tem sido apontado na literatura como um dos melhores procedimentos de análise no estudo das categorias clínicas. Este tipo de trabalho vem sendo realizados por Coudry e alunos de Pós-Graduação do Programa de Linguística, na área de Neurolinguística, conjuntamente com profissionais da Unidade de

Neuropsicologia e Neurolinguística (UNNE), Departamento de Neurologia, Faculdade de Ciências Médicas (FCM), UNICAMP - Prof. Benito Damasceno e Edwiges Morato.

A ênfase no "processo" de reconstrução da linguagem, encontrada nestes estudos longitudinais, parece ser o caminho para a solução de questões importantes que tentam relacionar os dados da patologia aos mecanismos de processamento normal da linguagem. É neste sentido que este trabalho insere-se no projeto maior da área de Neurolinguística da UNICAMP.

Dentre os trabalhos já realizados na área, podemos destacar:

- os estudos realizados por Coudry (1988) apontando para estes novos procedimentos de análise e conduta terapêutica,
- o trabalho de Coudry & Possenti (1991) sobre as alterações no processo de significação de línguas naturais,
- estudos sobre os mecanismos linguísticos-cognitivos das confabulações e sua importância no diagnóstico diferencial das afasias e das demências, realizados por Morato & Coudry (1991),

• o estudo sobre a "Função Reguladora da Linguagem", segundo reflexões de Vygotsky, em tese defendida por Morato (1991),

• a análise linguística de dados de agramatismo, em "Problemas Sintáticos e Soluções Pragmáticas", Tese de Doutoramento, em preparação, por Guindaste, R.

• a organização do Centro de Convivência de Afásicos, ligado à UNNE, que funciona no IEL, espaço de extrema importância para a interacção dos pacientes e pesquisadores.

Embora modestamente, espero poder contribuir com este trabalho para o crescimento da área de Neurolinguística, ao refletir sobre o fenômeno do agramatismo, no âmbito da Linguística.

## INTRODUÇÃO

O fascínio pelos estudos neurolinguísticos parece ser o mesmo que envolve todos os outros estudos que, de uma forma ou de outra, dedicam-se ao conhecimento dos mistérios da mente humana. Já sabemos muito, atualmente, a respeito da estrutura e do funcionamento do cérebro. Há, entretanto, muitas dúvidas quanto aos mecanismos subjacentes às funções cognitivas mais complexas, dentre elas a linguagem.

O percurso dos estudos psicolinguísticos através das décadas, segundo Luria (1973:11), caracteriza-se por uma preocupação com os processos mentais de percepção e memória, de linguagem e pensamento, da organização dos movimentos e das ações. Segundo o autor, "milhares de cursos para estudantes universitários foram preparados e milhares de livros publicados durante este período de intensa atividade", para ensinar e descrever os processos cognitivos humanos, contribuindo de forma importante para o estudo das leis científicas que os governam.

Algumas questões essenciais, entretanto, permanecem ainda obscuras e merecem especial atenção dos pesquisadores. Seriam estes processos e ações resultantes do trabalho do cérebro como um todo, ou do trabalho de um

sistema funcional complexo, com diversos níveis e diversos componentes, dando cada um sua própria contribuição para a estrutura final da atividade mental? Luria faz também a pergunta crucial que guia os estudos nesta área: o que acontece a estes processos quando partes individuais do cérebro param de funcionar normalmente ou são destruídas por doenças?

Evidentemente para nós, linguistas, psicolinguistas e neurolinguistas, é a questão do funcionamento da linguagem que está em primeiro plano. Tomando-a como uma atividade complexa, procuramos compreender sua natureza, e inferir sobre seu processamento e sobre sua relação com os demais processos cognitivos e mecanismos cerebrais. Neste sentido, o estudo das afasias vem ao encontro das questões acima mencionadas. Ellis, A. (1982: Introdução), assim resume a importância destes estudos:

"No passado, havia psicólogos cognitivistas trabalhando com indivíduos normais, saudáveis, estudando memória, percepção, linguagem, etc. Havia também neuropsicólogos clínicos trabalhando em hospitais com pacientes cérebro-lesados, tentando descrever e entender as muitas e variadas dificuldades que os pacientes enfrentam com as mesmas habilidades cognitivas de

memória, percepção, linguagem, etc. Recentemente, entretanto, tem havido uma grande mudança neste quadro. Neuropsicólogos clínicos têm se utilizado de teorias cognitivas para explicar os modos pelos quais uma lesão cerebral pode perturbar as capacidades cognitivas. Os que se envolvem neste trabalho o fazem pela crença de que o fluxo de informações entre as condições normais e patológicas devem se dar em ambas as direções. Isto é, não apenas a psicologia cognitiva deve iluminar as análises neuropsicológicas, mas o estudo das síndromes neuropsicológicas deve ter implicações diretas e específicas para nossas teorias do funcionamento normal".

Ainda segundo Luria (1976), o desenvolvimento da neurologia clínica e da neurocirurgia possibilitaram os avanços dos estudos dos mecanismos cerebrais. Deve ser mencionado que estes desenvolvimentos só se tornaram possíveis devido ao grande desenvolvimento tecnológico que possibilitou a realização de exames radiológicos do cérebro, tomografias computadorizadas, angiografias, etc. Por sua vez, a criação da neuropsicologia como área de conhecimento foi essencial para o estudo das relações destes mecanismos cerebrais com as funções complexas do sistema cognitivo.

Os fenômenos afásicos que, até bem pouco tempo, faziam parte dos estudos realizados pelos neuropsicólogos, neurologistas e terapeutas da fala, passaram, nas últimas décadas, a ocupar um lugar de destaque na Linguística, na Psicolinguística e na Neurolinguística. Através dos dados de linguagem patológica, procurar-se inferir sobre o processamento normal da linguagem, ou seja, em estados não-patológicos.

Segundo Linnebarger, Schwartz e Saffran (1983), os que se preocupam com os fenômenos afásicos buscam responder a importantes questões, como por exemplo:

• há subcomponentes independentes no sistema de processamento da linguagem?

• estes subcomponentes são descriptíveis em termos de "níveis de representação" na teoria linguística?

• estes subcomponentes podem ser associados com áreas específicas do cérebro?

Estes subcomponentes corresponderiam aos níveis linguísticos fonológico, sintático e semântico. Segundo as teorias mais recentes, deveria-se considerar também um nível pragmático, como será visto mais adiante.

Kean, M. (1985) enfatiza que os pesquisadores, atualmente, vêem a afasia não apenas como um domínio no qual suas teorias linguísticas podem ser testadas, mas também como uma importante fonte de dados que contribui, de forma crucial, para o desenvolvimento da teoria psicolinguística. Devemos acrescentar que contribui também para o desenvolvimento da própria Linguística.

Jackson (1915) e Jakobson (1956) apontavam para a importância da participação de linguistas nos estudos dos fenômenos patológicos da linguagem. O estudo da afasia no âmbito da Linguística, desenvolvido por Coudry (1988:21-22), revela que muitas vezes, entretanto, "os linguistas tomam os dados da afasia mais como elementos de confirmação externa de sua descrição de linguagem" e os afasiólogistas, por sua vez "embora busquem entender o fenômeno afásico em sua totalidade, enxergam a linguagem pela fresta estreita de descrições gramaticais e modelos redutores, porque elaborados com outros objetivos teóricos".

Ao discutir sobre a aplicação direta de modelos teóricos como o estruturalismo saussureano e o gerativismo chomskyano à afasiologia, Coudry (1988:29) adverte para o fato de que estes modelos são concebidos mediante recortes epistemológicos que reduzem a complexidade da linguagem e a multiplicidade de seus fenômenos. Sendo assim, "não podem ser aplicados diretamente a um domínio como o da

Neurolinguística, muito menos fornecer instrumentos para uma atuação na prática de avaliação e acompanhamento de sujeitos afásicos". A autora conclui que a teoria de linguagem adotada para o estudo dos fenômenos afásicos deve contemplar a atuação efetiva do sujeito em sua atividade linguística.

O grupo que trabalha com os pacientes afásicos no Instituto de Estudos da Linguagem acredita que a Linguística pode, além de contribuir com suas teorias para tentar descrever e explicar os dados de linguagem patológica, beneficiar-se dos mesmos, para seu próprio desenvolvimento. Além disso, quanto mais adequada a análise linguística destes dados, melhor orientação poderá ser dada aos trabalhos terapêuticos que estão sendo realizados.

Os estudos afisiológicos levam a crer que a interdisciplinaridade entre a Linguística, a Neurológia, a Neuropsicologia e a Psicologia Cognitiva tem trazido benefícios para todas estas áreas, de acordo com seu próprio interesse, tanto para avaliar e conhecer as patologias, como para compreender o funcionamento dos processos cognitivos em estados não patológicos.

Já apresentei, no Prefácio, o projeto no qual meu trabalho inserir-se. Minha intenção é a de contribuir com uma reflexão a respeito de algumas questões que relacionam os estudos linguísticos aos estudos das patologias de

linguagem, à luz do fenômeno do agramatismo. A relevância do estudo deste fenômeno será objeto do primeiro capítulo deste trabalho. Saber-se que, dentre os fenômenos afásicos, o agramatismo tem sido o mais estudado, pois acredita-se que ilumine aspectos do processamento da linguagem que não podem ser percebidos na análise da linguagem normal.

Durante várias décadas de pesquisa sobre o fenômeno, várias hipóteses foram formuladas e modelos muito sofisticados de processamento foram postulados, muitas vezes prescindindo de dados. Goodglass & Menn (1985) classificam o período até 1950 como "pré-experimental" e "descritivo", durante o qual as interpretações eram mais intuitivas que motivadas teoricamente. A década de 70 é classificada como "experimental" e o agramatismo é definido ainda como um distúrbio de produção. Algumas destas hipóteses, entretanto, foram enfraquecidas à medida que evidências empíricas foram encontradas. Neste período, chama a atenção no estudo do agramatismo, e de outros fenômenos afásicos em geral, a falta de análises de dados. Poucos estudos, na verdade, transcrevem os dados obtidos com os pacientes. Limitam-se, em sua maioria, a descrever e/ou apresentar resultados estatísticos. Caplan (1985) acredita que muitas afirmações feitas a respeito do assunto são impressionistas. Segundo o autor, o maior problema não está nos dados e sim na interpretação dos mesmos. A solução de muitas dúvidas com respeito ao agramatismo estaria na análise de cada um

dos sintomas observados e na sua relação com os demais. Caplan ainda afirma que a análise linguística é apropriada, já que o fenômeno é caracterizado pela omissão ou má-seleção de elementos como palavras funcionais e morfemas flexionais.

A primeira parte deste trabalho apresentará as principais questões abordadas na literatura sobre o fenômeno do agramatismo. O capítulo 1 resume as principais motivações teóricas de seu estudo. No capítulo 2 veremos a "multiplicidade" do fenômeno e as principais controvérsias. O capítulo 3 apresentará, resumidamente, as principais hipóteses ou modelos que procuram explicar os mecanismos subjacentes a este distúrbio e o capítulo 4 tratará da questão da metodologia de investigação do agramatismo.

Na segunda parte deste trabalho apresento minhas reflexões a respeito das questões teóricas e metodológicas tratadas na primeira parte, a partir da experiência adquirida com a aplicação do Teste de Julgamento de Gramaticalidade, objeto do capítulo 5, e da proposta de uma abordagem alternativa do fenômeno do agramatismo, capítulo 6, vinculada fortemente à uma concepção de linguagem como uma "atividade constitutiva" (Franchi, 1977) e vinculada à teoria enunciativo - discursiva de linguagem (Mainguenaud, 1989; Possenti, 1988; Geraldi, 1990). Esta abordagem compartilha também de argumentos e análises dos trabalhos

de Kolk et al. (1985) e de Heeschen (1985) sobre o próprio fenômeno do agramatismo.

## PRIMEIRA PARTE

AGRAMATISMO: MOTIVACOES TEORICAS, CARACTERIZACAO, MECANISMOS  
SUBJACENTES E METODOLOGIA DE INVESTIGACAO

## CAPÍTULO 1

### Agramatismo: Motivações teóricas para seu estudo

Como já foi mencionado na Introdução deste trabalho, os distúrbios afásicos ocupam cada vez mais um lugar de destaque nos estudos linguísticos, pois acredita-se que através dos estudos patológicos de linguagem seja possível observar várias faces do processamento da linguagem, bem como a autonomia ou a interdependência dos níveis linguísticos envolvidos. Esta minha reflexão a respeito do fenômeno do agramatismo faz parte de um projeto maior, na área de Neurolinguística, que investiga estas questões através do estudo de vários tipos de afasia, de demências neurodegenerativas e da síndrome frontal.

Linebarger, M.C., Schwartz, M.F. & Saffran (1983), dizem que o interesse no estudo do agramatismo, associado à afasia de Broca, é devido ao argumento de que este distúrbio representa uma perda seletiva da sintaxe, o que favorece a hipótese da existência de um componente sintático independente no processador de linguagem. A chamada "Teoria do Déficit Sintático", que veicula esta hipótese, foi defendida mais fortemente na década de 70. Na década de 80 outras versões desta teoria foram postuladas, com o objetivo de abranger o estudo do agramatismo em outras línguas.

A importância atribuída a este estudo, ao longo das últimas décadas, segundo Menn & Obler (1990, p.4), deve-se ao fato de que as questões referentes ao fenômeno estão relacionadas aos objetos de interesse da Neurolinguística, da Psicolinguística e da Linguística. Segundo definições das autoras, estes domínios de estudo são assim definidos:

"A Neurolinguística, como ramo da neuropsicologia, tem por objetivo construir uma teoria de como a linguagem é processada no cérebro normal; o neurolinguista estuda a afasia na tentativa de relacionar a lesão a estruturas cerebrais específicas, com o distúrbio de aspectos específicos do desempenho ou do conhecimento da linguagem. Quanto mais delimitado for o déficit, maior é a esperança de se apontar para um determinado processo envolvido no distúrbio de uma certa capacidade, e talvez, portanto, seu substrato neurológico.

A Psicolinguística está preocupada com a representação dos processos envolvidos tanto na transmissão de informação que vai dos "sons recebidos" à "compreensão dos significados (na compreensão da linguagem) como dos "significados pretendidos" aos sons falados (na produção da linguagem). Preocupar-se também em representar os

processos envolvidos em outras habilidades de linguagem, como leitura, escrita, paráfrase, julgamentos linguísticos e repetição. Quanto mais delimitado o déficit, mais informativo será para aquele que constrói o modelo, pois se uma função é preservada, enquanto outra é destruída, a dissociação sugere fortemente que a função preservada seja independente da que foi destruída. Além disso, entretanto, para que seja útil na construção de uma teoria, é importante que o déficit possa corresponder a um modelo, de preferência, que corresponda a um componente difícil de investigar diretamente em falantes normais.

Finalmente, a Linguística, atualmente, é concebida como uma área que se preocupa fundamentalmente em descrever a natureza do conhecimento de linguagem que têm os falantes. Os linguistas divergem quanto à natureza deste conhecimento, sendo que muitos acreditam que o estudo da função da linguagem e de seu uso em falantes que se afastam (de várias formas) do falante-ouvinte ideal, ilumina a natureza dos elementos gramaticais da linguagem - fonologia, morfologia e sintaxe, em termos tradicionais - e sua interação (cf. Menn & Obler, 1982). Quanto

*mais específico for considerado o desvio de um falante-ouvinte não ideal, mais interessante este falante é para os linguistas".*

O agramatismo, à luz dos interesses descritos acima, para cada uma das três áreas, contribui para a compreensão do funcionamento da linguagem nos seguintes aspectos, conforme Menn & Obler (1990):

. Psicolinguísticos - o agramatismo parece envolver uma das mais básicas habilidades linguísticas - a de "juntar palavras" em uma construção que seja significativa, diferente de apenas "listar" referentes.

. Neurolinguísticos - há uma grande esperança de se poder especificar as condições necessárias e suficientes de uma lesão para que haja a ocorrência desta síndrome.

. Linguísticos - este distúrbio parece ocorrer (em casos puros) associado a um distúrbio cognitivo mínimo, e com a preservação de um auto-monitoramento, suficiente para que o paciente indique seu sucesso ou fracasso para comunicar uma determinada intenção. Esta propriedade assegura que se está lidando com um déficit linguístico e não cognitivo.

Julguei importante citar este trecho, primeiramente porque o percurso que farei neste trabalho pretende mostrar como o estudo do agramatismo tem respondido às principais questões colocadas em cada uma destas áreas, como por exemplo a questão das dissociações, do paralelismo entre compreensão e produção, das variações individuais, etc. Em segundo lugar, a concepção de linguagem que adoto para analisar os dados, bem como a própria descrição do fenômeno, requer uma crítica a algumas das afirmações feitas acima, principalmente no que diz respeito ao objeto da Linguística. As autoras tomam como parâmetros de linguagem, por um lado, o falante ideal e, por outro, o falante não ideal, abstrações do modelo gerativista de linguagem, que parecem não ser os parâmetros ideais para o estudo dos dados de linguagem patológica. Aliás, este não é, absolutamente, o objetivo deste modelo. Da mesma forma, a crença na existência do "agramatismo puro", dissociado de qualquer outro distúrbio cognitivo ou linguístico, parece não ter ainda suficiente respaldo empírico. Pelo contrário, estudos realizados por Kolk et al. (1985), Heeschen (1985), Coudry (1988) e Gregolin, R. (em preparação), demonstram a repercussão dos problemas sintáticos característicos do agramatismo em outros níveis, bem como a utilização de recursos semânticos e pragmáticos na solução de seus problemas. Voltarei a estas questões na segunda parte deste trabalho, no capítulo 6.

Retornando à questão da relevância do estudo do agramatismo, Berndt, R. (in Menn & Obler, 1990: prefácio) cita, além das áreas de linguística, psicologia e neurologia, o interesse dos terapeutas da fala e até mesmo dos que trabalham com ciência da computação, justamente por se tratar do aspecto da organização do nível sintático. A autora chama a atenção para o fato de que algumas questões colocadas por Isserlin, já em 1922, são ainda muito relevantes hoje, no estudo do agramatismo:

. "Existem formas clínicas psicológicas distintas de agramatismo expressivo, ou seja, de agramatismo da fala?

. Há distúrbios de compreensão gramatical, incluindo capacidade reduzida de distinguir formas corretas ou incorretas de enunciados? Existem formas diferentes de agramatismo receptivo?

. Existe uma relação entre formas diferentes de agramatismo expressivo e receptivo, por um lado, e as formas clássicas de afasia (motora, sensorial, central, transcortical), por outro?

• Quais são as hipóteses atuais sobre as causas do agramatismo? Existem outras maneiras pelas quais o agramatismo possa ser produzido, sen-  
ser aquelas devidas à afasia?

• Podemos ter alguma ideia sobre a localização cerebral do agramatismo?" (Isserlin,  
1985: 324)

Veremos, a seguir, como os estudos realizados sobre o agramatismo procuraram responder a estas principais questões.

## CAPÍTULO 2

### A multiplicidade do fenômeno e as principais controvérsias

#### 2.1. A variação nas descrições do agramatismo

"Casos típicos de agramatismo colocam poucos problemas para o diagnóstico, mas muitas controvérsias são geradas na descrição deste distúrbio", afirma Caplan (1985). Um dos pontos mais polêmicos é o de se definir "quais os sintomas necessários e suficientes para se diagnosticar o agramatismo".

À medida que um maior número de casos e de diferentes línguas são estudados, mais esta multiplicidade é observada e novas descrições são feitas, procurando levar em conta todos os diferentes aspectos sintáticos, diferentes padrões de co-ocorrência de sintomas e de variações individuais.

Menn & Obler (1990) apontam para o fato de que uma das causas que leva à variação nas descrições do agramatismo é a de que as teorias são formuladas segundo diferentes interesses ou pontos-de-vista. O fenômeno pode ser descrito, por exemplo, como um déficit de conhecimento linguístico ou de processamento linguístico. Se for concebido como déficit

nos níveis linguísticos, pode ser visto como o distúrbio de um nível específico ou um distúrbio na articulação destes níveis. Se for concebido como um déficit de processamento, um único estágio pode estar envolvido, ou a interação destes estágios. Finalmente, as teorias variam no escopo, ou seja, no conjunto de sintomas que pretendem explicar e, mais importante ainda, quanto aos aspectos considerados centrais na definição da síndrome.

## 2.2. A consequência do estudo do agramatismo em Inglês, nas descrições do fenômeno

Segundo Goodglass & Menn (1985), o agramatismo foi descrito por Deleuze, em 1819, como uma característica marcante na fala de certos pacientes afásicos. Segundo os autores, é importante observar que as descrições de agramatismo desde os trabalhos de Pitres, em 1898 até os trabalhos mais recentes, como os de Luria, 1970; Tissot, Mounin & Lhermitte, 1973, definem as características do fenômeno em termos de mudanças na estrutura linguística de produção. Goodglass & Menn citam um sumário de Tissot et al. (1973), referindo-se às principais características da fala agramática:

1. o apagamento de palavras funcionais no discurso, isto é, o apagamento de conjunções, preposições,

artigos, pronomes, verbos auxiliares e cópulas (com exceção das conjunções "and" e "because")

2. a predominância de substantivos, em detrimento dos verbos, em algumas fases agramáticas

3. a perda de flexão verbal, que é substituída pela forma nominal do verbo

4. perda de concordância de pessoa, número e gênero, mais notadamente em línguas flexionais. Jakobson (1963) aponta para o fato de que nas línguas com declinações de casos, os substantivos são revertidos para a forma nominativa.

A tendência de se olhar para os dados de fala agramática procurando sempre o que falta, em relação à linguagem não patológica, leva evidentemente a uma teoria que defina o fenômeno em termos de déficit. Este é um dos pontos sobre o qual farei uma reflexão, ao tratar da questão da metodologia, no capítulo 4. De qualquer forma, esta tendência faz parte do percurso histórico do estudo do agramatismo. O fato de que os primeiros estudos foram baseados no Inglês, uma língua com poucas flexões nominais e verbais sugeria, à primeira vista, a possibilidade de hipóteses que tratavam o fenômeno como um distúrbio de competência, isto é, hipóteses de que uma parte do

conhecimento linguístico do paciente, fosse ele sintático ou fonológico, estaria perdido.

As limitações do estudo do agramatismo no Inglês são resumidas por Goodglass & Menn (in Kean, M., 1985:2), na seguinte passagem:

"O Inglês tem poucas flexões nominais e verbais e perda de morfemas presos é menos evidente. Além do mais, os verbos em Inglês não têm variações de terminação no infinitivo, e a perda de flexão verbal é expressa apenas pela omissão dos auxiliares, do "s" final da 3a. pessoa do singular ou o "ed" do passado, com exceção dos verbos irregulares (e.g. "to go") nos quais o infinitivo usa uma raiz diferente das formas finitivas dos verbos. O trabalho de Brodzinsky (1984), por outro lado, sugere que as flexões verbais do Hebreu, que são formadas em grande parte por mudanças de vogais, por infixações, não estão perdidas no agramatismo."

### 2.3. Importância dos estudos de agramatismo em outras línguas

Goodglass & Menn mencionam estudos realizados sobre agramatismo em Francês, Russo e Alemão e o estudo de

casos de agramatismo no Hebreu, realizado por Grodzinsky (1982), que revelam que as flexões verbais não estão perdidas, como sugeriam os primeiros estudos realizados com dados do Inglês. O problema estaria ocorrendo na seleção destas flexões. As definições de agramatismo, a partir de tais estudos, consideraram a possibilidade de que as flexões, cópulas, preposições, etc... sejam apenas mal-selecionadas pelo agramático. No capítulo 6 veremos exemplos de P que mostram esta instabilidade na escolha de formas flexionais dos verbos.

O agramatismo passou a ser estudado em diversas outras línguas. Dados do italiano, estudados por Miceli, Mazzuchi, Menn & Goodglass (1983) já eram citados em alguns estudos reunidos no livro de Kean (1985), para ilustrar a presença de várias flexões nominais e verbais em falas agramáticas e também para sugerir, através de estudos de alguns casos, a dissociação entre produção e compreensão. Dados de quatorze línguas foram recentemente publicados por Menn & Obler (1990). Para estas autoras, a importância principal da realização de um "Cross Language Study" sobre o agramatismo é a de que comparando-se as estruturas sintáticas realizadas ou não pelos agramáticos será possível determinar se os universais linguísticos estão preservados e, consequentemente, inferir sobre um processamento linguístico que seria também universal. Vale ressaltar que, pela primeira vez, é editado um volume muito grande de dados

na literatura sobre agramatismo. Os vários estudos demonstram, entretanto, que os autores se posicionam diante do fenômeno talvez ainda com mais perguntas que respostas.

#### 2.4. Principais controvérsias teóricas

Kean, M. (1985) diz que a definição tipicamente dada ao agramatismo é a de que se trata de um distúrbio na produção de sentenças, envolvendo a omissão seletiva de palavras funcionais e morfemas flexionais. A autora enfatiza que esta descrição pode ser adequada para um diagnóstico clínico, mas que não responde absolutamente nada sobre o papel funcional destas categorias em sistemas linguísticos intactos. Segundo Kean, duas principais linhas de pesquisa surgiram para abordar o fenômeno: a primeira preocupar-se com definições explícitas sobre esta classe de palavras omissoas na fala agramática e a segunda consiste em realizar estudos sobre a representação destas palavras no léxico mental e seu processamento em tempo-real na produção de sentenças.

As controvérsias existentes no campo, entretanto, não são controvérsias "with no direction", afirma Kean. Cada teoria procura interpretar, com seu próprio ponto de vista, a seguinte questão: o que estaria ocorrendo com o sistema normal de representação e processamento gramaticais, resultando no complexo fenômeno do agramatismo?

O livro editado por Kean, em 1985, reúne trabalhos de autores que se interessam pelo agramatismo já há muito tempo. Um ponto em comum defendido pelos pesquisadores, após verificarem um grande número de casos e terem feito levantamento de outras línguas, é o de considerarem o fenômeno como um distúrbio múltiplo, ou seja, a simples definição de que se trata de um distúrbio de produção, envolvendo a perda ou substituição de morfemas gramaticais não pode explicar o fenômeno.

#### 2.4.1 Agramatismo: sintoma ou síndrome?

Caramazza & Berndt (1985:31) questionam as hipóteses de o agramatismo ser um "sintoma" ou uma "síndrome". A síndrome, na definição de Caramazza é relevante para que se possa identificar o módulo que estaria comprometido no paciente:

*"Uma síndrome poderia ser considerada como a unidade mínima de análise para a identificação do(s) módulos(s) que se suponha afetado (s) em um paciente. Em outras palavras, uma síndrome deveria ser definida como o conjunto de todos os sintomas que refletem o distúrbio de um componente de processamento específico. Esta definição de síndrome tem como consequência implícita a existência de complexos níveis"*

*dissociáveis de sintomas que correspondem ao distúrbio de um único componente. (...) Portanto, uma outra consequência desta abordagem é a de que a co-ocorrência necessária de sintomas define a identificação de módulos de processamento cognitivo, e seu funcionamento interno, enquanto que a dissociação de sintomas reflete a independência de componentes de processamento".*

Esta definição de síndrome, segundo os autores, tem como consequência o fato de que a tipologia das afasias se torna necessariamente diferente da tipologia clássica, que engloba princípios neuroanatômicos e psicológicos pré-teóricos. A concepção clássica diz que uma constelação de sintomas é considerada uma síndrome se o padrão de distúrbios for encontrado repetidamente como resultado de uma lesão em uma determinada área do cérebro.

Caramazza & Berndt afirmam que o agramatismo foi definido originalmente como um sintoma, incluído em uma síndrome maior da afasia de Broca (Kleist, 1916; Pick, 1913). Berndt & Caramazza (1980) interpretaram o agramatismo como a característica central da afasia de Broca. Estes autores consideram que a definição de síndrome para o agramatismo tem sido muito vaga, sendo crucial delimitar os sintomas que caracterizam o fenômeno como tal.

Caplan (1985:125) também aborda esta questão da definição de uma síndrome. Diferentemente de Caramazza, que considera a existência de uma síndrome apenas quando dois ou mais sintomas sempre coocorrem, Caplan considera que esta coocorrência acontece com uma frequência acima da média. Outro ponto importante a ser destacado de sua teoria é a distinção que faz entre síndromes funcionais e não-funcionais. As síndromes não-funcionais são as que ocorrem por razões puramente anatômicas, ou seja, porque a patologia afeta substratos orgânicos de diferentes funções. A coocorrência de disartria e agramatismo, por exemplo, seria explicada nestes termos. A coocorrência de sintomas e sinais por razões funcionais, por outro lado, é de grande interesse teórico para a psicologia e para o estudo da patologia.

#### 2.4.2. Produção e Compreensão – definições em termos de "oposição"

Uma das mais importantes questões referentes ao estudo do agramatismo, e da afasia em geral, é a da relação entre os distúrbios de produção e de compreensão. Ao longo da literatura é muito mais comum encontrarmos a afirmação de que o agramatismo é um distúrbio na produção de morfemas gramaticais.

Há vários outros trabalhos, entretanto, que pretendem mostrar que o agramatismo envolve também, necessariamente, distúrbios de compreensão. Caramazza & Berndt (1985), referem-se a estes problemas pelo termo "compreensão assintática". Os pacientes agramáticos, segundo esta concepção, só terão problemas em sentenças que exijam uma análise da estrutura sintática para serem compreendidas. Os autores postulam um mecanismo de parser, responsável por esta análise. A compreensão de sentenças que possa se dar sem este trabalho do parser do componente sintático estaria preservada.

O fato de que os pacientes agramáticos tenham conseguido interpretar sentenças ativas simples levou alguns autores a acreditarem que a compreensão sintática estaria preservada, caracterizando o distúrbio como sendo exclusivamente de produção. Caramazza & Berndt acreditam que esta compreensão poderia apenas aparentemente estar intacta, pois os pacientes utilizam-se de outros recursos do contexto para compreender as sentenças.

A questão do paralelismo entre produção e compreensão tem consequências cruciais para as teorias que visam explicar o fenômeno. Assumir o paralelismo significa acreditar que haja um único mecanismo subjacente para o processamento sintático, usado tanto para a produção como para a compreensão de sentenças. Esta visão é compartilhada

por muitos trabalhos, como os de Berndt & Caramazza, 1980; Caramazza & Berndt, 1978; Caramazza & Zurif, 1976; Saffran, Schwartz & Marin, 1980; Zurif, 1980, e Kolk et al. (1985). "Uma dissociacão de compreensão assintática no agramatismo criaria dificuldades para esta hipótese." (Caramazza & Berndt, 1985).

A questão do paralelismo entre compreensão e produção foi desafiada por alguns estudos de casos individuais, nos quais acredita-se que haja a dissociacão. Caramazza & Berndt (1985) citam os pacientes de Miceli et al. (1983) e de Kolk et al. (1981), que têm um padrão claro de agramatismo na produção, mas que apresentam um distúrbio mínimo de compreensão. Os autores enfatizam que a existência destes dois casos, entretanto, não podem estabelecer a dissociacão, ou seja, a comprovação de que existem dois módulos ou componentes independentes, responsáveis pelos mecanismos de produção e de compreensão, que poderiam ser afetados seletivamente. Um dos motivos para que não se possa estabelecer conclusivamente a dissociacão é a metodologia utilizada para testar compreensão, como veremos adiante.

#### 2.4.3. Variação no padrão de co-ocorrências de sintomas

Com os trabalhos realizados a partir de 1985, principalmente como consequência do aumento do número de línguas estudadas e de relatos de estudos de casos, a

questão da variação passou a ser uma das questões mais polêmicas no estudo do agramatismo. Não se trata somente de uma variação que se deriva da postura teórica do observador, como já foi mencionado anteriormente, mas de uma variação individual muito grande observada na análise empírica dos dados, tanto no padrão de co-ocorrência de sintomas, quanto no padrão de realização ou omissão de palavras funcionais e morfemas flexionais.

Este fato levou Miceli, G. et al. (1989:447), a afirmarem que o agramatismo não pode ser tido como uma categoria relevante para o estudo de processos mentais. Estes autores assim resumem este trabalho realizado:

"Descrevemos o padrão de omissões (e substituições) de morfemas gramaticais livres e os padrões de substituições de morfemas gramaticais presos em 20 pacientes chamados agramáticos. Uma variação extrema foi observada nos padrões de omissões e substituições dos morfemas gramaticais, tanto em termos de distribuição de erros para morfemas gramaticais diferentes como também em termos de distribuição de omissões versus substituições. Os resultados são discutidos no contexto dos atuais debates sobre a possibilidade de uma distinção teoricamente motivada entre as categorias clínicas de agramatismo e"

paragramatismo e, mais geralmente, sobre a utilidade teórica de qualquer categoria clínica. A conclusão tirada é a de que a heterogeneidade observada na produção de normas gramaticais entre os pacientes agramáticos torna a categoria clínica do agramatismo, e por extensão todas as outras categorias clínicas classicamente definidas (e.g., afasia de Broca, afasia de Wernicke, etc.,...) e mesmo as categorias classificadas mais recentemente (e.g., dislexia superficial, dislexia profunda, etc.,), sem importância teórica".

Historicamente, o estudo da afasia procura responder, segundo os autores, às questões que relacionam as síndromes às estruturas neuroanatômicas, aos mecanismos linguísticos/cognitivos que possam estar comprometidos, e principalmente ao fato de se poder inferir sobre a estrutura do processamento normal de linguagem, a partir de dados de linguagem patológica. Badecker & Caramazza (1985:97 - 125), argumentam que a variação dentro de uma "categoria clínica", leva a concluir que "a categoria clínica do agramatismo não pode servir como base para afirmações teóricas sobre a natureza dos processos normais de linguagem, nem para argumentar sobre a natureza dos mecanismos de linguagem que estão possivelmente prejudicados nos chamados agramáticos".

Caplan (1985) afirma que a variação encontrada nos dados, na verdade, é uma evidência "a favor" da síndrome do agramatismo. Segundo este autor, as variações mencionadas por Bedecker & Caramazza (1985) podem ser explicadas. Caplan mantém, em seu modelo linguístico, a dicotomia competência versus desempenho e sugere que uma teoria geral do agramatismo explicaria as variações individuais.

Estas controvérsias envolvendo as questões acima - compreensão versus produção, sintoma versus síndrome, e variação nos padrões de ocorrência serão retomadas no último capítulo e abordadas segundo uma teoria de linguagem orientada discursivamente.

## CAPÍTULO 3

### Principais modelos descritivos e explicativos para o fenômeno do agramatismo

Vimos, no capítulo anterior, que a definição de agramatismo, bem como as hipóteses formuladas a respeito dos seus mecanismos subjacentes, passam por vários fatores de natureza conceitual e também metodológicos.

A multiplicidade que caracteriza o fenômeno, segundo Goodglass & Menn (1985:19), pode ser traduzida na seguinte colocação:

*"Nenhuma explicação única do agramatismo, seja ela baseada na sintaxe, na fonologia, ou na economia de esforço na fala, pode explicar os padrões observados nas dissociações intra-modais e inter-modais".*

Vejamos, a seguir, um resumo das principais destas teorias ou modelos.

### 3.1. A Teoria Modular

Os estudos de Caramazza & Berndt (1985) e outros de Caramazza e colaboradores têm sido importantes ao longo da literatura sobre distúrbios cognitivos, sendo bons exemplos da teoria cognitiva modular. A noção de que os módulos ou componentes sejam independentes, não é incompatível com o argumento de que os processos sejam interativos no processamento on-line. O estudo do agramatismo realizado na década de 70 definia o fenômeno como um distúrbio específico do componente sintático. Neste estudo de 1985, Caramazza & Berndt o definem como um distúrbio multicomponential.

A omissão dos morfemas gramaticais na produção de sentenças parece ser o único sintoma do agramatismo com o qual todos os pesquisadores parecem concordar, afirmam Caramazza & Berndt. Em casos mais severos, os enunciados consistem de sequências de palavras – substantivos separados por pausas (Goodglass, 1976). A dificuldade em se descrever os elementos omitidos está em se estabelecer um padrão de ocorrência. Os autores enfatizam:

*"Se fosse o caso de toda fala agramática consistir apenas de nomes ligados por pausas, não seria difícil fornecer uma definição dos elementos omitidos. Entretanto, a maioria dos pacientes*

agramáticos produz uma fala que consiste de sequências curtas de palavras, caracterizada pela omissão de algumas marcas gramaticais, dando a impressão de enunciados sintaticamente empobrecidos. A questão crucial é como o padrão de omissão destes elementos pode ser melhor caracterizado". (Caramazza & Berndt 1985:33)

Caramazza & Berndt estudam detalhadamente cada um dos seguintes sintomas: redução do tamanho dos enunciados, omissão ou nominalização de verbos principais e erros na ordenação das palavras. Concluem, a este respeito, que nenhuma destas características necessariamente co-ocorre com a omissão de morfemas gramaticais. Resumindo:

"Apenas duas fortes conclusões são possíveis, a respeito da estrutura do agramatismo: é caracterizado pela relativa omissão de morfemas gramaticais livres (em línguas como Inglês) ou seleção imprópria (em línguas como Italiano) de morfologia flexional. (...) Portanto, não pode ser afirmado que o contexto tenha tenha um efeito sobre a omissão de marcas gramaticais, que o tamanho do enunciado deverá ser severamente restrito, que os verbos sejam nominalizados ou omitidos excessivamente, ou que problemas com a ordem das palavras devam necessariamente co-

ocorre com a omissão de marcas gramaticais, apesar de algumas evidências para estas características (...)” (Caramazza & Berndt, 1985:40).

Como já foi dito, é essencial para estes autores a definição de uma síndrome, para que se possa inferir sobre a natureza do módulo afetado, dando origem ao fenômeno do agramatismo. Para explicar as dissociações nos padrões de sintomas acima descritos, os autores propõem que o distúrbio seja considerado multicomponential, ou seja, o agramatismo seria resultado não apenas pelo comprometimento de um módulo sintático, mas também de outros.

### 3.1.1. Fracionamento e Transparência

Este modelo apresenta dois princípios teóricos fundamentais - fracionamento e transparência. O princípio do fracionamento representa exatamente a crença de que os componentes ou módulos possam ser afetados seletivamente. O princípio da transparência prevê a possibilidade de que o desempenho patológico reflita de uma maneira relativamente direta o funcionamento do sistema cognitivo normal sem a contribuição do módulo que se supõe afetado. É importante observar a afirmação dos autores de que esta visão rejeita a hipótese de que o desempenho patológico é o resultado de uma nova organização dos mecanismos alterados na patologia,

negando, implicitamente, o poder de plasticidade do cérebro humano, ou seja, a possibilidade de sua reorganização funcional. Segundo Caramazza & Berndt, se não aceitamos o princípio de transparência, automaticamente estamos rejeitando a hipótese de que haja uma relação entre o desempenho patológico e o funcionamento normal da linguagem. Ao discutir a hipótese de Kolk et al. (1985) e o trabalho de Heeschchen (1985), voltarei a refletir sobre esta questão.

### 3.1.2. A aplicação do modelo componencial de Caramazza & Berndt aos dados do agramatismo

O modelo multicomponencial de Caramazza & Berndt (1985) para explicar os problemas de produção dos agramáticos é baseado no modelo computacional de Parisi & Giorgi (1981) e Parisi (1983). A produção de sentenças começa com um pacote semântico, expresso como uma lista de proposições, em dois passos: primeiramente, partes do significado da proposição são lexicalizadas semântica e fonologicamente. A seguir, são ordenadas as unidades fonológicas, na sequência correta. Quando um item é selecionado do léxico semântico, dois tipos de informação são fornecidos: informações das unidades semânticas e informações das unidades de controle. As unidades de controle têm um papel crucial na formação da "frame" da sentença, quando a seleção de morfemas gramaticais e determinando a ordem das palavras nesta sentença. Ex: "A

atribuição do morfema "s" à raiz "cookie" é determinada pela unidade de controle PLUR. São unidades do mesmo tipo que atribuem marcas de tempo, preposições, auxiliares, etc...

Este modelo prevê ainda uma distinção entre as unidades de controle e as unidades de discurso. As unidades de controle explicitam as relações entre os elementos da proposição e as unidades de discurso especificam as características relevantes aos contextos comunicativos. O uso de sentenças ativas ou passivas seria um exemplo de produção gerada por tais unidades de discurso. Estas unidades também definiriam papéis gramaticais como sujeito e objeto, e o uso de um artigo definido ou indefinido. Portanto, as unidades de controle e as unidades de discurso são as características que controlam a seleção das marcas gramaticais. O distúrbio de uma destas unidades resultará num distúrbio de processamento sintático. O modelo prevê também um filtro de output que força uma seleção por default, das possíveis formas fonológicas, o que daria conta dos dados do Hebreu e do Italiano, por exemplo.

Postulando dois tipos diferentes de unidades - de controle e discursivas - os autores acreditam poder explicar o padrão de omissões de morfemas gramaticais livres e a omissão de verbos principais por alguns pacientes.

É evidente que este modelo apresenta-se aqui, como já foi dito, muito simplificado, apenas para exemplificar o raciocínio feito dentro deste quadro teórico modular, para abordar os dados e os padrões de dissociação verificados empiricamente. Assim, o modelo vai se desdobrando, cada vez mais, em subcomponentes responsáveis por aspectos muito específicos do processamento linguístico. A cada nova dissociação encontrada, postula-se um novo módulo e um novo processo que explique sua interação com os demais. A consequência deste raciocínio, entretanto, é que o modelo passa a ser poderoso demais e, ao pretender explicar tudo, acaba não explicando nada. Caramazza et al. (1990) não colocaram o problema neste modelo, mas sim na própria categoria do agramatismo.

Menn & Obler (1990) apresentam, no primeiro capítulo da obra já mencionada, um "overview" dos estudos realizados sobre o agramatismo, agrupando-os segundo as principais características que definem o fenômeno e citando as principais obras. A seguir, resumidamente, veremos outros modelos teóricos.

### 3.2. O modelo linguístico de Jakobson

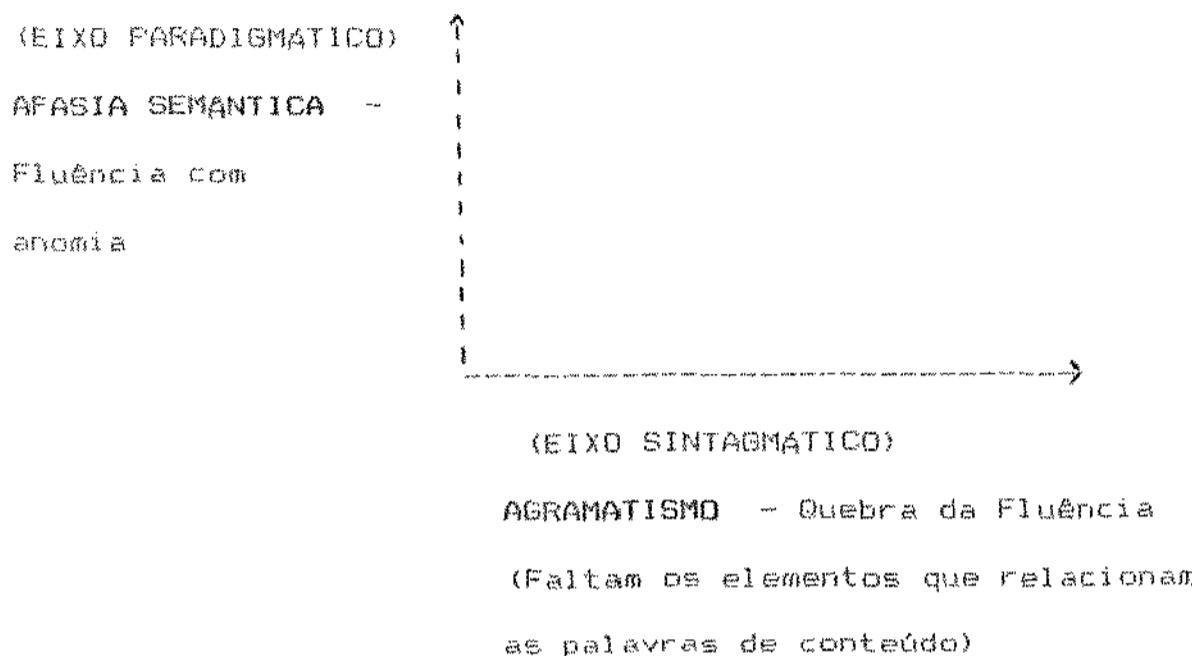
O estudo de Roman Jakobson, de 1956, trata o agramatismo como um distúrbio de contiguidade, ou seja, o autor acredita que os pacientes tenham dificuldades com a

concatenacão de elementos em sequências - tanto de sons em palavras, como de palavras em sentenças. Seria, em outras palavras, um problema relacionado com a representação da linguagem no eixo sintagmático. Menn & Obler enfatizam que esta concepção do agramatismo parece se adaptar em uma teoria de processamento, semelhante à desenvolvida por Milberg, Blumstein and Dworetzky, em 1987, que sugere que a distribuição automática de itens semânticos é vagarosa ou fraca na afasia de Broca e isto prejudica a organização sintática. O segundo trabalho de Jakobson, de 1964, é neutro com relação à questão de se tratar de um déficit de processamento ou de conhecimento linguístico e descreve o problema como um distúrbio de predicação. Ambas as versões consideram apenas problemas de produção.

Goodglass & Menn (1985) afirmam que estes trabalhos de Jakobson (1956, 1964) foram as primeiras tentativas de descrever o agramatismo em uma teoria linguística. É importante observar que seu modelo prevê a oposição entre as formas de afasia fluente e anômica, por um lado, e disfluente e agramática, por outro, representando a oposição entre os eixos paradigmático e sintagmático da linguagem.

Este modelo pode ser resumido no seguinte quadro:

**Modelo de Jakobson para as afasias semânticas e agramáticas**



Podemos citar, a título de exemplo, os seguintes dados de N e de P, retirados de Coudry (1988: 165 e 159, respectivamente):

- A) N: *Essa aqui é minha cunhada... Esse ai é meu cunhado.*  
*Filha: O que a tia Zenilda é do senhor?*  
 P: *E minha (...), minha (...), irmã de minha mulher*

(Dados de Coudry; N e sua filha, vendo o álbum de retratos de sua família, em 12/07/84)

- B) Inv: *Como é que está essa água aqui? (Mostrando o espelho de água formado pela fonte)*  
 P: *Essa aqui é (...) barra... barada, parada.*  
 Inv: *Essa ai é parada.*  
 P: *Agora, essa aqui é (...) caiu, está caiu, né?*  
*(Alongando "caiu" mais do que necessário,*

*(como buscando a forma "caindo")*

*(Dados e observações de Coudry, conversando com P, vendo um álbum de retratos, em 23/05/86)*

De acordo com o modelo de Jakobson, portanto, temos que no exemplo "A" a dificuldade de N está relacionada com o problema das escolhas lexicais, representada pelo eixo paradigmático. Para significar "minha cunhada" o paciente teve que ocorrer à descrição "irmã de minha mulher". Já em "B", vemos que é com a ordem sequencial dos elementos que P tem problemas. Podemos perceber no exemplo que tanto o nível fonológico quanto o sintático estão envolvidos, respectivamente: "bara...barada, parada" e "Agora, essa aqui é (...) caiu, está caiu, né?"

### 3.3. A hipótese fonológica de Kean e outros

Menn & Obler mencionam, em seu resumo dos estudos sobre o agramatismo, as várias versões propostas por Kean. Os estudos realizados entre 1977 e 1982 consideravam os problemas fonéticos e fonológicos como centrais. A ênfase nos últimos trabalhos, entretanto, está nos aspectos morfológicos e sintáticos - perda de afixos flexionais e de palavras funcionais.

Neste período houve uma grande produção de textos que tentavam abordar, quantitativamente, as omissões ou substituições destes afixos e palavras funcionais, e a

distinção entre "Open Class" e "Closed Class". Podemos citar os estudos de Gordon & Caramazza (1982, 1983), Petocz & Oliphant (1988), Miceli & Caramazza (1988), dentre outros.

Com a variação nos padrões de ocorrência de omissões, entretanto, tornar-se difícil sustentar esta distinção entre as palavras de "Classes Abertas" e palavras de "Classes Fechadas" para caracterizar o fenômeno do agramatismo.

### 3.4. Grodzinsky e a hipótese sobre a dificuldade com a representação dos traços de elementos movidos

Os trabalhos de Grodzinsky (1984) e de Grodzinsky et al. (1985) sugerem que os afásicos agramáticos têm dificuldade em manter representações dos elementos movidos – os traços da teoria de Regência e Vinculação. O estudo de Guindaste (apresentado na Alfal, 1990, a ser publicado), verifica através do estudo longitudinal com o paciente P estas dificuldades com os traços de elementos movidos. Esta hipótese consegue explicar, dentre outras, as dificuldades com as passivas e com outras sentenças que envolvem a transformação da ordem das palavras.

Observemos os seguintes exemplos:

A) Invt: Sr. P, o guarda que (CV) vigia o bêbado é alto. Quem é alto?  
 P: bêbado

(18/12/88)

B) Invt: A mulher que (CV) puxa os homens é corajosa. Quem é corajosa?  
 P: mulher

Invt: Os homens que a mulher puxa (CV) são fortes. Quem é forte?  
 P: mulher

(23/03/90)

Esta explicação parece ser interessante também para nos ajudar a compreender os erros de P no teste de Julgamento de Gramaticalidade, que será discutido no capítulo 5.

### 3.5. Hipótese da "economia"

Outra linha teórica que tem sido retomada por alguns autores, atualmente, baseia-se na hipótese da economia, proposta por Salomon, em 1914, que concebe a fala agramática como sendo telegráfica. Segundo este conceito, o paciente omite seletivamente palavras menos informativas, com o objetivo de se comunicar utilizando o menor número de palavras possível, por causa de sua dificuldade de expressão. Esta noção é retomada por Kolk et al. (1985) e por Kolk et al. (1990), que oferecem uma revisão desta teoria, com argumentos para a hipótese de que alguns

aspectos da fala agramática são devidos às estratégias de adaptação dos pacientes para resolver seus problemas de produção.

Apresentarei, a seguir, questões relacionadas à metodologia de investigação do agramatismo como levantamento e análise de dados e testes metalinguísticos.

## CAPÍTULO 4

### A metodologia de investigação do Agramatismo

#### 4.1. Proliferação de terminologias e dicotomias

É difícil saber o que realmente acontece: se a metodologia tradicionalmente utilizada na investigação do agramatismo gera as dissociações nos modelos teóricos, ou se vice-versa: a pré-concepção da linguagem em termos de dissociações exige uma metodologia que "reparta" a linguagem e dê origem a uma proliferação de testes metalinguísticos.

A respeito desta proliferação, não só de testes, mas dos próprios termos e noções que surgiram na neuropsicologia nos últimos anos de pesquisa, Heeschen (1985; 207) faz esta importante observação:

*"Ao longo dos 123 anos de pesquisa afasiológica sistemática, duas características metodológicas são notadamente constantes - características que sobreviveram estes últimos 10 - 15 anos de metodologia de pesquisa mais psicolinguisticamente e experimentalmente orientadas:"*

1. uma crença inabalável na validade da chamada *fala espontânea dos pacientes*.

2. a forte confiança em termos e noções que obtém suas significados apenas como membros de uma dicotomia; por exemplo, afasia motora versus afasia sensorial, fluente versus disfluente, agramatismo motor versus agramatismo sensorial (Pick, 1913), agramatismo versus paragramatismo (kleist, 1916), etc.

Esta segunda característica é certamente não restrita à afasiologia ou neuropsicologia; deve ser uma característica da ciência, em geral. Entretanto, não conheço nenhum outro campo científico no qual este pensamento dualístico tenha se tornado tão forte e convincente como na neuropsicologia, onde é expressa pelo imperativo metodológico dogmático do princípio da dupla dissociação".

A esta observação de Heeschen podemos somar as observações a respeito da proliferação de termos instaurados nos estudos linguísticos a partir do estruturalismo saussureano. Descrever o agramatismo, portanto, a partir das dicotomias definidas tanto

neuropsicologicamente como linguisticamente pode resultar numa grande salada teórica e metodológica.

#### 4.2. Análise da relação entre fala espontânea e déficit subjacente

Heeschen chama a atenção para o fato de que muitos pesquisadores tomam a fala espontânea do paciente como um reflexo em espelho de seu verdadeiro déficit linguístico. Como vimos no capítulo 3, esta concepção é descrita no modelo multicomponencial de Caramazza & Berndt pelo princípio da transparência. Nas palavras de Heeschen (1985:208):

*"subjacente e esta concepção parece haver a firme convicção de que tudo o que é desviante do normal na fala espontânea do paciente é a consequência direta, ou - quase por definição - idêntico ao seu verdadeiro e genuíno déficit".*

Segundo o autor, esta crença persiste nos últimos trabalhos. Após observar e descrever um distúrbio a partir da fala espontânea, os pesquisadores perguntam se tal déficit também invade outras modalidades linguísticas, principalmente a compreensão. A exceção citada por Heeschen é o estudo de Goldstein:

"Goldstein tem esclarecido, enfaticamente, repetidamente, que a fala espontânea dos pacientes cérebro-lesados nunca reflete o próprio déficit, mas sim as reações dos pacientes ao mesmo, enquanto que o verdadeiro déficit emerge somente sob condições cuidadosamente controladas e restritas de teste. Mesmo assim devemos, de acordo com Goldstein, contar com o perigo permanente de que o paciente nos escape e nos mostre como ele domina a situação de teste ao invés de mostrar qual é seu déficit, de maneira que somos, a este respeito, mais ou menos dependentes de inferências e conclusões indiretas." (Heeschchen 1985:209)

Heeschchen afirma que uma consequência metodológica sugerida pelo ponto de vista de Goldstein é a de que não devemos nos restringir a observar e descrever o que o paciente não faz, mas devemos considerar também o que faz, efetivamente, em sua linguagem. Descritivamente, já sabemos o suficiente sobre o que falta em seus enunciados. Entretanto, se direcionarmos nossa atenção para o que ainda está presente na fala agramática, o assunto se torna menos sistemático, quase obscuro e até misterioso no caso da fala telegráfica. Com um exemplo em alemão, o autor demonstra que o que o paciente realmente produz é uma catástrofe para qualquer teoria do agramatismo. Vamos ao exemplo:

A. sentença "alvo":

*"Der schone Mann putzt die Schuhe"*

(The beautiful man cleans the shoes)

(O homem bonito limpa os sapatos)

B. sentença que seria produzida, de acordo com  
as teorias sobre agramatismo:

*"Schon Mann putzen Schuh"*

(Beautiful man clean shoe)

(Homem bonito limpa sapato)

C. sentença efetivamente produzida:

*Schoner Mann Schane putzen.*

Segundo Reeschen, o que o paciente não produz não é novidade: flexões verbais e artigos flexionados. O que produz, entretanto, informa que:

- a forma plural está preservada
- o paciente não marca a "pessoa" no verbo, mas muda a posição do verbo para o final da sentença – que é o lugar exato para o verbo no infinitivo no Alemão
- omite artigos, mas não omite a flexão do adjetivo – mais do que isso, muda a flexão de acordo

com a chamada declinação forte, que é o certo para os adjetivos do Alemão que não são precedidos por artigos definidos.

A pergunta de Heeschen é a seguinte: se o paciente ajusta a forma morfossintática de seus enunciados como consequência de suas omissões, então o que está errado com sua gramática? O autor enfatiza que tais mudanças ocorrem apenas nas situações de fala espontânea, em situações naturais de conversação, o que não ocorre em situações de teste mais controladas e restritas.

Importante para o autor, na investigação do agramatismo, portanto, é que:

"a fala espontânea é um fenômeno extremamente fascinante, se observarmos não apenas os fenômenos que estão ausentes ou incorretos. De qualquer forma, a fala espontânea parece ser uma base não muito segura para conclusões diretas a respeito da natureza do déficit do paciente".

(Heeschen 1985:211)

#### 4.3. Testes: Dilemas Metodológicos

Criticar a proliferação de testes metalinguísticos para avaliar distúrbios afásicos não significa que estes

testes não tenham sua importância nestes estudos. É necessário que tenhamos consciência de que, através dos testes, podemos elaborar hipóteses sobre a natureza do déficit linguístico. Podemos avaliar qual o nível linguístico mais afetado e averiguar como a dificuldade mais específica em um determinado nível afeta os demais.

Conceber a linguagem como uma atividade constitutiva, conceber o espaço dialógico como o momento no qual as significações são construídas pelos interlocutores não é incompatível com a afirmação de que existe uma certa sistematização da língua. Acreditar numa indeterminação absoluta, nas palavras de Geraldi (1990), seria "trocar uma ilusão por outra":

*"Não se creia que uma proposta que toma o ato significador como seu objeto expresse que este ato seja totalmente não regulado, não ordenado, como se qualquer expressão pudesse significar qualquer coisa. Fora assim, sequer os processos de negociação de sentidos seriam possíveis. Admitir uma indeterminação absoluta da linguagem seria trocar uma ilusão por outras: a ilusão da uniformidade pela ilusão da multiplicidade indeterminada. Numa posição estariam negando o presente, na outra estariam*

*"negando o passado. Uma e outra negam os fatos. Uma e o outra são negadas pelos fatos".*

Citando Wittgenstein (1975), Beraldi enfatiza que

*"o sentido da frase pode deixar em aberto isto ou aquilo, mas a frase deve ter um determinado sentido. Um sentido indeterminado não seria propriamente sentido nenhum."*

Embora esteja se referindo mais especificamente à construção de significação, podemos remeter esta reflexão ao fato de que os testes metalinguísticos possam auxiliar no resgate destas formas e significações de certo modo cristalizados na linguagem: regras sintáticas, sentidos semânticos, etc.

É necessário, entretanto, ter a consciência de que os testes recobrem um aspecto da linguagem, e não o mais importante, com certeza. O problema é que, na literatura sobre as afasias, é raro encontrar uma análise que leve em conta as atividades linguísticas e epilinguísticas dos pacientes. A metalinguagem impera e as conclusões teóricas, diagnósticos e, o que é pior, os procedimentos terapêuticos são todos fundados nestas avaliações.

Coudry (1988:6) observou e refletiu sobre as práticas de avaliação, que inclui as baterias de testes-padrão, criticando as seguintes inadequações:

,"decontextualização das tarefas de linguagem propostas, simulando situações artificiais para uma suposta atividade linguística;

,predominância de tarefas metalinguísticas que, embora necessárias para o diagnóstico, não podem substituir atividades linguísticas e a consideração dos processos epilinguísticos envolvidos na reconstrução da linguagem pelo sujeito afásico;

,o fato de que a natureza das tarefas propostas corresponde a exercícios fundados na língua escrita, com um forte compromisso escolar (no pior sentido de "escolar"), quando não se reduzem a técnicas de abordagem do fenômeno para levantar fatos necessários à descrição acadêmica da afasia;

, insuficiências nos resultados empíricos; a perspectiva teórica reducionista do fenômeno da linguagem acaba por restringir os

*fatos justamente aqueles que não são nem os mais significativos nem os mais relevantes para caracterizar as dificuldades linguísticas do afásico e fornecer subsídios para o acompanhamento."*

Coudry aponta para o fato de que, historicamente, os testes-padrão eram necessários para localização de lesões cerebrais. A partir de tarefas metalingüísticas se localizava topograficamente a área cerebral afetada, fornecendo, ainda, critérios de classificação dos diferentes tipos de afasia. Mais problemático, contudo, é o fato de que diagnóstico e reabilitação são baseados nos resultados destes testes metalingüísticos clássicos, que fornecem uma correlação estatística entre comportamentos verbais e lesões cerebrais.

Podemos nos perguntar, portanto, se os testes metalingüísticos não devem ser abandonados, a favor de outros procedimentos que orientem diagnósticos e condutas terapêuticas. Não devemos nos esquecer da importância atribuída a estes testes por Goldstein, retomada por Heeschken, como vimos há pouco, pois o teste possibilita verificar e avaliar uma parte da linguagem, como por exemplo em que nível de organização linguística está a maior dificuldade do paciente. Devemos também nos perguntar, entretanto, se estes testes podem ser melhorados, tanto na

proposição de tarefas como nos procedimentos de aplicação. Eu diria, enfaticamente, que isto - mais do que simplesmente possível - tornar-se necessário, atualmente, se quisermos inferir, através do estudo do agramatismo, ou de qualquer outra categoria clínica, a respeito do processamento normal de linguagem, sendo esta vista como uma atividade complexa, que vai muito além da relativa determinação sintática e semântica da língua.

Coudry menciona, em seu estudo, que os testes deveriam propor tarefas *epilinguísticas*. Ao referir-se a este conceito no âmbito do estudo da patologia da linguagem, Coudry (1985:14) esclarece:

"Chama-se epilinguística a atividade do sujeito que opera sobre a linguagem quando o sujeito explora recursos de sua linguagem e reutiliza elementos na construção de novos objetos linguísticos até para produzir certos efeitos (...)"

Algumas das tarefas propostas nos testes têm conteúdo capaz de estimular tais atividades. Entretanto, o tipo de situação armada para a aplicação do teste barra estas reflexões que o paciente poderia fazer com a linguagem, sobre a linguagem. Normalmente, o que acontece é o seguinte:

"... simplesmente se contam entre os erros quaisquer recursos alternativos que o sujeito utilize para solução de sua dificuldade. Recomenda-se ao examinador que não considere, por exemplo, na tarefa de denominação, as respostas em que o sujeito recorra a descrições definidas via atributos ou função: não se consideram, desse caso, os aspectos relevantes dessas respostas para o processo de categorização que, por assim dizer, recua para os processos constitutivos de fixação de papéis e análise de traços categoriais característicos. Embora o fato seja amplamente conhecido dos afasiólogistas, não se pergunta: Por que responde pela função ou atributo? Qual o estatuto teórico desse tipo de resposta? A resposta a essas questões é que daria ao investigador mais sensível pistas dos processos que se passam no sujeito e pistas para o acompanhamento..." (Coudry, 1988:17)

Julguei importante citar esta passagem de Coudry, porque ela toca em um ponto fundamental da relação entre o pesquisador e o sujeito afásico. Na maioria das vezes, o pesquisador anula seu papel de interlocutor e o teste, ao invés de instrumento de avaliação, passa a ser o único interlocutor do sujeito afásico - um interlocutor que não

tem um papel constitutivo que sirva de apoio à sua organização linguística. O que é mais importante, portanto, nestes procedimentos avaliativos é a postura do pesquisador, sua sensibilidade para perceber além do teste, que se utilize do teste, e não que seja utilizado pelo teste.

#### 4.4. Testes mais utilizados no estudo do agramatismo

Assim como para todos os tipos de afasia, os testes elaborados para testar agramatismo preocupam-se em descrever sempre o que falta na produção dos enunciados. Foi assim que surgiram as definições de agramatismo ao longo do tempo, como vimos no capítulo 2, que vão sendo modificadas à medida que novas línguas são estudadas e novos estudos de casos são relatados. Só para retomar um pouco este percurso, vimos que as primeiras descrições, por serem baseadas no Inglês, definiam o fenômeno como "perda de morfemas gramaticais e palavras funcionais". A partir do estudo de línguas que apresentam um padrão mais complexo de flexões e declinações, percebeu-se que o agramatismo parece não ser uma perda destes morfemas gramaticais, mas sim uma omissão ou má-seleção dos mesmos, explicadas talvez por distúrbios nas rotinas de acesso aos itens lexicais ou nos processos de organização destes itens. Destacam-se, como procedimentos metodológicos no estudo do agramatismo, os testes de contagem de palavras (NLU), os testes para verificar

compreensão e os testes de julgamento de gramaticalidade que serão apresentados, resumidamente, a seguir.

#### 4.4.1. Os testes de M.L.U. (Mean Length Utterance)

Estes testes são mais utilizados para apresentar resultados estatísticos relacionados à fluência de um determinado paciente. Consiste em contar palavras consideradas corretas, dentro de um período de tempo pré-estabelecido. Desconsidera-se qualquer tentativa do paciente de construção linguística. Despreza-se qualquer tipo de parafasia e trechos fragmentados.

#### 4.4.2. Testes para verificar a compreensão

A dicotomia produção *versus* compreensão, como vimos no capítulo 2, contribui para a elaboração de testes específicos para testar compreensão. Goodglass & Menn (1985: 17) afirmam o seguinte, a este respeito:

*"A dificuldade do problema metodológico se torna saliente quando se examina de perto as demandas cognitivas das várias técnicas que investigam a compreensão de sentenças, bem como as operações cognitivas (além do conhecimento sintático) exigidas para a compreensão de sentenças apresentadas oralmente."*

Uma técnica favorita para testar a compreensão, segundo os autores, é a utilização dos testes de figuras - "picture-verification paradigm", ou "picture matching" - para verificar a capacidade do paciente de utilizar a ordem das palavras para entender as relações gramaticais entre sujeito e objeto, preposições locativas e temporais, comparativos possessivos e outras relações semânticas entre nomes, verbos e morfemas gramaticais. Goodglass & Menn acreditam que o problema maior é que o paciente confronta-se com duas ou até quatro alternativas de resposta. Duas pessoas, animais ou objetos tipicamente aparecem em diferentes papéis nas diversas figuras, e requerem que o paciente desmonte cada um dos quebra-cabeças das figuras, sendo forçado a lidar metalinguisticamente com o problema. Os resultados destes testes, portanto, não respondem diretamente aos objetivos para os quais foram propostos: avaliar a compreensão da sentença. Os autores ainda afirmam que:

*"Os resultados inconsistentes obtidos dos pacientes agramáticos podem ser devidos às diferentes demandas cognitivas, e não às diferentes capacidades de compreensão de sentenças".*

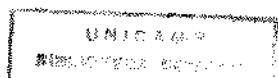
Mais importante ainda, os autores concluem que:

"... simplesmente testar operações de decodificação sintáticas não leva, necessariamente, a um "insight" a respeito da contraparte receptiva do agramatismo expressivo."

O que temos, portanto, na maioria das vezes, é um teste de decodificação de sentenças apresentadas oralmente. Assim sendo, temos que saber avaliar até que ponto os testes de compreensão que já foram elaborados nos mostram as dificuldades do paciente em um determinado nível linguístico, procurando também verificar a compreensão através de tarefas linguísticas e epilinguísticas.

#### 4.4.3. Teste de Julgamento de Gramaticalidade

Uma grande polêmica gerada no interior dos estudos sobre o agramatismo, como já vimos, é a de se conceber o agramatismo como um déficit de conhecimento linguístico, ou como um déficit de processamento linguístico. Atualmente, percebe-se o aumento do número de estudos a favor da hipótese do distúrbio de processamento, o que não quer dizer que seja um processamento não-linguístico.



Fonte: LIMA, M. A.; VIEIRA, C. A. (2002).

Um grande peso tem sido dado na literatura aos testes de julgamento de gramaticalidade, em especial ao teste proposto por Linnebarger, Schwartz & Saffran (1983).

Como já foi dito no Prefácio, este teste de Julgamento de Gramaticalidade foi o meu primeiro elo de pesquisa com o agramatismo e com o paciente agramático que avaliamos no Instituto de Estudos da Linguagem, o sujeito P., cujo acompanhamento longitudinal tem sido feito desde 1985, por Coudry.

O teste de Julgamento de Gramaticalidade pretende demonstrar, estatisticamente, a preservação do conhecimento sintático nos agramáticos. As autoras argumentam que os distúrbios de compreensão de sentenças nestes pacientes não reflete a perda da capacidade de recuperar as estruturas sintáticas, como sugere a Teoria do Deficit Sintático. Os resultados mostram que os pacientes testados mantêm a habilidade de julgar a gramaticalidade das sentenças apresentadas oralmente, apesar das dificuldades de produção e de compreensão que possuem.

Meu objetivo, ao apresentar uma resenha deste trabalho de Linebarger et al. é, primeiramente, o de refletir criticamente sobre a elaboração deste teste, sobre os procedimentos metodológicos de aplicação, a quantificação dos resultados e, posteriormente, a comparação com os dados obtidos por mim, na avaliação do

sujeito F. Estas questões são abordadas a seguir, no capítulo 5.

#### 4.5. As conclusões tiradas a partir de análises estatísticas

Não podemos negar que certos resultados estatísticos podem contribuir para o estudo dos fenômenos afásicos. A este respeito, entretanto, Coudry (1988:9) advertiu:

"Apesar das correlações estatísticas que se podem estabelecer no estudo empírico de tais sintomas e determinados tipos de lesão cortical, deve-se advertir para os cuidados que merecem tais procedimentos classificatórios. É claro que para certos propósitos os testes servem ao diagnóstico tipológico. Mas talvez só ao diagnóstico. O fato de um sintoma ou um conjunto de sintomas permitirem eventualmente uma classificação correta não assegura a via explicativa do fenômeno descrito. Observando os resultados do sujeito em tarefas específicas não se têm as indicações relevantes para a compreensão dos processos envolvidos e, consequentemente, não se têm pistas para a reelaboração de suas dificuldades".

No final do capítulo 2, ao comentar sobre as principais controvérsias existentes no estudo do agramatismo, vimos que a questão da metodologia é fundamental nos estudos dos distúrbios afásicos. A questão da variação nos padrões de ocorrência de sintomas, verificada no estudo de Miceli et al. (1989), levou os autores a afirmarem que a categoria do agramatismo e todas as outras categorias clínicas não têm importância teórica.

Entretanto, o procedimento metodológico dos autores neste estudo é bastante questionável. Chama a atenção, primeiramente, o grande número de agramáticos testados: 20 pacientes. Os critérios para escolha foram os seguintes: pacientes cérebro-lesados, destros, em condições neurológicas estáveis, sem distúrbios de consciência, com distúrbios de funções da linguagem, sem sintomas de demência, que tenham recebido educação formal por pelo menos 5 anos. O critério linguístico para a escolha foi a produção de sentenças gramaticalmente mal formadas, contendo omissões de morfemas gramaticais livres, com ou sem substituição de morfemas gramaticais presos.

A primeira observação que pode ser feita a respeito desta escolha dos pacientes é a de que, além do fato de terem sofrido um AVC (Acidente Vascular Cerebral), os demais dados já demonstram uma grande variação quanto às

idades, grau de instrução, e o que parece mais importante, no tempo decorrido desde o acidente (time postonset). Escapam a esta análise, ainda, informações muito importantes para a avaliação do tipo de variação encontrada, como o dialeto falado, a profissão, o fato de o paciente estar ou não em terapia, qual o tipo de terapia que segue, etc.

As análises que são feitas da linguagem patológica parecem não considerar a possibilidade de que as variações possam ser explicadas também considerando estes aspectos de ordem cultural, social, econômica, etc... É evidente que estes aspectos não explicam tudo nos distúrbios de linguagem. Não se pode negar o problema linguístico do agramático. O déficit existe e vai muito além de uma questão dialetal, mas a escolha dos morfemas gramaticais e a própria estruturação sintática passam pela questão dialetal, pelo grau de formalidade do registro, pelo jogo dialógico entre os interlocutores, dentre outros.

Dentre todos os procedimentos metodológicos adotados pelos autores, há um que merece especial atenção: Os índices de "fala fragmentada" variaram muito de um sujeito para outro. Segundo Miceli et al. foram considerados fragmentados os trechos nos quais não foi possível recuperar a estrutura gramatical pretendida. Como não sabiam que peso atribuir a estas diferenças, os autores preferem despreza-

lás e todas as análises seguintes são feitas após a remoção destes enunciados fragmentados.

Como podemos perceber, nenhum valor é dado ao processo de construção linguística. Os autores parecem não perceber que, através das falas fragmentadas, podemos ter acesso às dificuldades de estruturação da sintaxe por parte de cada um dos indivíduos. Assim, elementos importantes são cortados da análise. Talvez sejam estes os elementos que possam contribuir para a expliação da variação nos padrões de ocorrência de sintomas.

A última afirmação de Miceli et al. (1989:475), transcrita a seguir, deve ser desafiada por um modelo teórico coerente para o agramatismo:

"Não há apenas razões metateóricas e metodológicas para acabar com "categorias" como o agramatismo, mas também demonstrações empíricas da utilidade de manter tais categorias (...)"

## SEGUNDA PARTE

### UMA ABORDAGEM ALTERNATIVA DO FENÔMENO DO AGRAMATISMO

(A partir de resultados obtidos na aplicação do Teste de Julgamento de Gramaticalidade e adoção de uma teoria linguística orientada discursivamente, como modelo de análise dos dados)

## CAPÍTULO 5

### Teste de Julgamento de Gramaticalidade (Adaptação do teste de Linnebarger et al.)

#### 5.1. O Teste de Julgamento de Gramaticalidade de Linnebarger et al.

A primeira observação a ser feita quanto à elaboração do teste, é a de que as autoras acreditam no paralelismo entre a produção e a compreensão. Na verdade, o teste só faz sentido se esta crença se mantém. Se não fosse assim, já de início poderíamos assumir que os resultados demonstrariam não uma análise da estrutura sintática apresentada, mas sim apenas resultados derivados de uma compreensão intacta.

A evidência dos problemas de compreensão nos agramáticos pode ser dada pelas estruturas que exigem uma análise da ordem das palavras e dos morfemas gramaticais para que a estrutura temática da sentença seja estabelecida, como por exemplo sentenças com dativo, sentenças relativas e passivas.

Existe uma hipótese que prevê que os agramáticos falhem nas tarefas de compreensão porque não são capazes de

formar representações adequadas das estruturas sintáticas. Assim como Goodglass & Menn (1985), as autoras também acreditam que os testes que avaliam a compreensão, centrados nos resultados de tarefas de apontar figuras (picture-pointing tasks) não são suficientes para que tal conclusão seja feita. Quanto aos testes de julgamento de gramaticalidade, as autoras enfatizam que a maioria é feita na modalidade escrita, o que pode interferir com os resultados. Assim, decidem elaborar um teste que seja apresentado oralmente aos pacientes.

Segundo as autoras, alguns estudos recentes que se utilizaram deste paradigma metodológico para investigar o julgamento de gramaticalidade apresentam alguns problemas, que fortalecem a hipótese do deficit sintático central. Uma das críticas feitas é a de que apenas algumas poucas violações sintáticas são propostas, geralmente concentradas nas violações de concordância de número e alguns fenômenos morfológicos. Além disso, julgamentos de gramaticalidade estão misturados com julgamentos de valor ou de verossimilhança. E, por último, as autoras acreditam que muitas destas tarefas sobrecarregam a "memória de curto prazo" do paciente (short term memory).

Para evitar os problemas acima descritos, as autoras elaboram um teste que é aplicado a 4 agramáticos de

Broca, com distúrbios de produção e compreensão, ampliando o número de condições sintáticas avaliadas.

O teste é composto de 451 sentenças, das quais 221 são "agramaticais". Estas sentenças são divididas em 10 tipos de violações de regras:

Condicão 1: Subcategorização estrita

Condicão 2: Movimento de partículas

Condicão 3: Inversão de sujeito e auxiliar

Condicão 4: Elementos vazios

Condicão 5: Tag questions - cópia do sujeito

Condicão 6: Left Branch Condition (Restrições de ilhas)

Condicão 7: Cláusulas Relativas sem categoria vazia

Condicão 8: Regras de estruturas frásicas

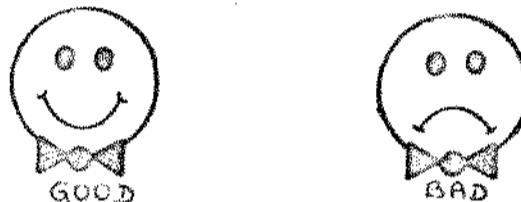
Condicão 9: Reflexivos

Condicão 10: Tag questions - cópias do auxiliar

As sentenças testadas foram misturadas em dois formulários, sendo que as condições de 1 a 5 estavam em um formulário "A" e as de 6 a 10 em um formulário "B", aplicados consecutivamente, em quatro sessões de teste. Estas sentenças foram gravadas por uma das autoras e cada uma delas foi lida duas vezes, vagarosamente, mas com entonação normal. As sentenças agramaticais eram lidas como se fossem sentenças bem formadas.

O examinador que controlava o gravador não tinha acesso direto ao paciente e não tinha acesso às suas respostas. Por outro lado, um outro examinador sentado em frente ao paciente anotava suas respostas, sem ter acesso às sentenças apresentadas.

O paciente respondia às questões apontando para cartões. Um dos cartões apresentava a palavra "good" (boa), junto com uma carinha alegre e outro apresentava a palavra "bad" (ruim), junto com a carinha triste, conforme os modelos:



Segundo as autoras, todos os pacientes responderam rapidamente, na maioria das vezes logo após a primeira apresentação da sentença.

Vale ressaltar que as autoras justificam o número reduzido de pacientes testados, dizendo que é raro encontrar sujeitos com agramatismo puro.

Estes procedimentos metodológicos serão comentados ao logo da análise dos dados de P, mais adiante.

## 5.2. Condições do teste que não se aplicam ao Português

Para que se possa comparar mais detalhadamente os resultados nas tabelas inseridas nos Anexos A e B, manterei os números utilizados pelas autoras, em cada uma das condições.

Condição 2 - Movimento de partículas: as autoras pretendem analisar como os pacientes tratam a diferença entre palavras que ora são preposições, ora partículas:

- a) \* She went the stairs up in a hurry
- b) She went up the stairs in a hurry.
- c) She rolled the carpet up in a hurry.

A posição correta da preposição, como em (b) é P SN - preposição à esquerda do sintagma nominal - up the stairs. Em (a) esta condição foi violada, invertendo a ordem dos constituintes. Em (c) "up" aparece à direita do SN, gramaticalmente, pois trata-se de uma partícula, e não de uma preposição.

Os resultados obtidos pelas autoras nesta condição demonstram que a distinção entre preposições e partículas é

feita por todos os pacientes testados. (Para maiores detalhes, ver tabela reproduzida no Anexo C)

Condicão 3 - inversão de sujeito e auxiliar: as sentenças agramaticais desta condição envolvem o movimento do auxiliar para a formação de interrogativas. Em (a) temos uma sentença agramatical pela cópia do auxiliar em sua posição original e em (c) o auxiliar movido não tem a forma apropriada para o verbo em questão.

- a) \* Is the boy is having a good time?
- b) Is the boy having a good time?
- c) \* Did the old man enjoying the view?
- d) Did the old man enjoy the view?

Também nesta condição os pacientes obtiveram bons resultados, demonstrando a manutenção do domínio das regras de inversão entre o auxiliar e o sujeito na formação de interrogativas do tipo sim/não.

Condicão 5 - Tag questions - cópia de sujeito: as sentenças agramaticais deste tipo contém "tag questions" cujo pronome sujeito não pode ser coindexado com o sujeito da sentença:

- a) \* The little boy fell down, didn't it?
- b) The little boy fell down, didn't he?

Segundo as autoras, os pacientes tiveram uma maior dificuldade com as estruturas que envolvem as "question tags". Mesmo assim, os resultados variaram de 76% a 86% de acertos.

Condicão 6 - Left Branch Condition : Há sentenças que violem a chamada "Left Branch Condition", originalmente observada por Ross (1967). Neste caso, o determinante de um sintagma nominal é movido por "WH movement", sendo que seu núcleo é deixado para trás. Na maioria das sentenças, o determinante movimentado é interpretado como o próprio sintagma (com elipse do núcleo). Em "a", por exemplo, "how many" pode ser tomado como um NP, sintagma nominal, e a sentença seria gramatical: "how many did you see in the park", não fosse pela presença do núcleo: "birds".

- a. \* How many did you see birds in the park?
- b. How many birds did you see in the park?

Em sentenças como "c", a expressão movida "which old" não constitui um sintagma nominal e, portanto, é possível determinar que a "left branch condition" foi violada.

- c. \* Which old did you invite men to your party?
- d. Which old man did you invite to your party?

O índice de acertos nessa condição variou de 86% a 99%.

### 5.3. Condições sintáticas testadas no Português:

Das 10 condições propostas para o Inglês, acima mencionadas, apenas 6 podem ser testadas em Português:

Condição 1: Subcategorização Estrita

Condição 4: Elementos Vazios

Condição 7: Relativas sem Categoria Vazia

Condição 8: Regras de Formação de Sintagmas

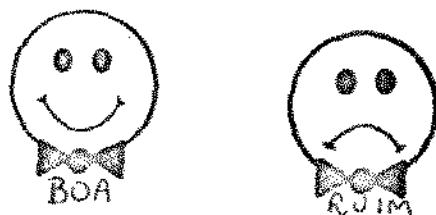
Condição 9: Uso de Reflexivos

Condição 10: Tag Questions - Cópia do Auxiliar

#### 5.3.1. Primeira Sessão de Testes: 11/06/90

Como apenas seis das dez condições testadas por Linnebarger et al. aplicam-se ao Português, o total de sentenças apresentadas a P foi menor - 198 sentenças, aplicadas em duas sessões de teste. Duas condições foram misturadas nesta primeira etapa: a condição 1 e a condição 4, cujas sentenças são numeradas de 1 a 90. Seguindo também um procedimento das autoras, antes de começar o teste dei vários exemplos a P do julgamento que eu esperava que ele fizesse, enfatizando os problemas referentes à

subcategorização, por exemplo, e utilizando as "carinhas", conforme modelo:



Como tratava-se apenas de um primeiro contato com P e de uma primeira experiência com o teste, não segui os procedimentos utilizados pelas autoras, acima mencionados, com respeito ao gravador e apresentação das sentenças. Na verdade, acredito que esta tenha sido uma atitude muito positiva, pois permitiu que a situação de teste fosse aproveitada para questionar fatos importantes com relação ao julgamento feito por P.

A seguir, apresentarei um breve resumo das principais características de cada uma destas condições, comparando com os resultados obtidos por "P".

Condicão 1 - subcategorização estrita: nesta condição, as sentenças agramaticais são aquelas que violam as "frames sintáticas" onde determinadas palavras podem ocorrer. Assim, em "a", a agramaticalidade deriva do fato de que "come", um verbo intransitivo, é seguido por um objeto direto.

- a) \* He came my house at six o'clock.
- b) He came to my house at six o'clock.

Segundo as autoras, esta exigência de "come" não pode ser inferida do conhecimento do mundo real apenas, ou seja, que o significado do verbo "come", o "movimento de vir" teria que ser acompanhado necessariamente por um elemento que indicasse direção. Isto pode ser demonstrado pelo contraste com verbos como "reach". Ambos são semelhantes no significado mas possuem diferentes propriedades de subcategorização.

c) He reached my house at six o'clock

Outras sentenças ajudam a esclarecer, segundo as autoras, esta independência da subcategorização do conhecimento do mundo real:

d) I want you to go to the store now.

\* I hope you to go to the store now.

f) I hope you will go to the store now.

\* I want you will go to the store now.

Todos os pacientes testados por Linebarger et al. demonstraram um alto nível de precisão nestas sentenças da condição 1. Isto demonstra, enfatizam, que os pacientes continuam dominando as regras de subcategorização dos itens lexicais, ou seja, quanto às restrições dos tipos de complementos que o núcleo do sintagma pode ter. As autoras

salientam também que se utilizaram, na maioria das sentenças para testar esta condição, de palavras quase - sinônimas, com diferentes propriedades sintáticas, para terem certeza de que não era através do significado lexical que os pacientes guiavam suas escolhas. Por exemplo:

- g) \* The policeman was talking a woman.  
The policeman was haranguing a woman.  
The policeman was lecturing a woman.

Seguindo estes detalhes propostos pelas autoras, elaborei as sentenças enumeradas de 1 a 44, procurando confrontar pares de ocorrências gramaticais e agramaticais e também pares com sentido semelhante e subcategorização diferente como "amar" e "gostar". Estas sentenças estão relacionadas nos Anexos "A" e "B". Consideremos alguns exemplos:

1. \* Ele veio minha casa às 6 horas.
2. Ele veio pra minha casa às 6 horas.
9. \* O menino caiu a pedra.
10. O menino caiu.
11. A pedra caiu.
17. \* Eu amo da minha família.
18. \* Eu quero de um pouco arroz e feijão.
25. A professora comeu uma maçã rapidamente.
30. \* Eu gosto minha família.

32. \* Pedro e João gostam muito Maria.

42. O aposentado recebeu do governo o pagamento.

43. \* O aposentado recebeu governo o pagamento.

Assim como os pacientes testados pelas autoras, nosso paciente P obteve um índice de 74% de acertos nesta primeira condição.

Dentre os erros, entretanto, estão algumas sentenças que não estavam previstas no teste inicial. Nos exemplos 5a e 5b, e de 7a - 7e, notei que o problema principal não estava relacionado à subcategorização, mas sim à colocação dos advérbios "ontem" (5a) e "pela manhã" (7a) e também devido ao fato de que P utilizou-se de um julgamento de valor para aceitar a sentença 7e. Vamos aos exemplos:

5a. Maria chegou cidade ontem.

5b. Maria chegou cidade.

"P" aceitou 5a como correta, mas rejeitou 5b. O fato de que acertou no julgamento de 5b não indica que a análise sintática tenha sido feita. Vejamos as respostas dadas às questões 7a - 7e:

7a. João saiu da casa pela manhã. (P: Ruim)

7b. João saiu da casa. (P: Ruim)

7c. Maria saiu de casa) (P: Ruim)

P: "Dois... homem e mulher" (Comentário de "P")

(Tentei, então, a sentença 7d)

7d. João e Maria sairam de casa. (P: Ruim)

(Finalmente, a sentença 7e, que "P" aceitou)

7e. João saiu da casa com Maria. (P: Boa)

Pelo comentário de P fica evidente que há implícito um julgamento de valor. "João" e "Maria" têm que sair juntos. É interessante, entretanto, que P não aceita "João e Maria sairam de casa", mas "João saiu da casa com Maria". Poderíamos explicar o ocorrido dizendo que a estrutura de 7e é mais "linear" que 7d?

A colocação do advérbio "rapidamente" nas sentenças de 25 a 27 parece também interferir com o julgamento de P. Aliás, pelo comentário que faz, podemos perceber que seu julgamento não se restringe à forma sintática:

25. A professora comeu uma maçã rapidamente.

(P: Ruim)

Comentário: Comer...rapidamente...não pode.

26. \* A professora tem uma maçã rapidamente.

(P: Ruim)

27. O menino fez o serviço rapidamente.

(P: Ruim)

Não há garantia, portanto, de que dentre as respostas corretas de P para 26 e 27 as estruturas tenham sido realmente analisadas, do ponto de vista sintático.

Temos também as sentenças 42 e 43, que não foram apresentadas conjuntamente, para as quais P apresentou a mesma resposta, que mais uma vez mostra que predominou um julgamento de verdade ou de valor:

42. O aposentado recebeu do governo o pagamento  
(P: Ruim)

43. \* O aposentado recebeu governo o pagamento  
(P: Ruim)

Veremos também na análise das demais condições que P tem, em relação ao teste metalingüístico, uma atitude de "distanciamento" em vários momentos, ou seja, ele parecia se esquecer do objetivo do teste e começava a julgar se a idéia apresentada era boa ou ruim. Quando eu percebia que isso estava ocorrendo, explicava novamente o propósito da tarefa, dando exemplos.

Condição 4 - Elementos Vazios: As autoras pretendem, com sentenças deste tipo, avaliar o julgamento de gramaticalidade em estruturas que contém sintagmas nominais não realizados fonologicamente, ou seja os

"elementos vazios". As condições para que isso ocorra, no Inglês, são dadas nas seguintes situações:

a) quando o SN está na posição de sujeito de uma infinitiva, como em:

"Frank was expected (\_\_\_\_ to get the job)"

b) ou quando corresponde a uma palavra "WH" movida, isto é, quando estiver coindexado a ela, como em:

"Which job did you expect (Alfred to get \_\_\_\_)"

"Who did you think (\_\_\_\_ would invite Mary)"

Sentenças agramaticais, portanto, violariam estas regras, apresentando o elemento vazio como objeto de uma infinitiva: "This job was expected (Frank to get \_\_), ou ainda apresentando o elemento vazio como sujeito de uma sentença finita, sem nenhuma associação com o elemento "WH": "The workmen were expected (\_\_would finish by noon)".

Assim Lobato (1986:325-326) explica o princípio do vestígio na Teoria Sintática Gerativa:

*"Um sintagma deslocado transformacionalmente deixa, na sua posição de origem, um vestígio automaticamente coindexado com o sintagma deslocado. Isso quer dizer que, deslocado o sintagma QU, a categoria sintagnética que o*

*dominava continua na mesma posição e, no lugar do item lexical deslocado, fica um indicio de sua presença anterior nesse lugar, indicio esse denominado vestígio.*

Parece certo que um dos maiores problemas de P diz respeito aos movimentos de sintagmas do tipo "O<sub>U</sub>". Este aspecto tem sido analisado por Coudry ao longo de seu estudo longitudinal.

Vale ressaltar ainda que, no Português, o sintagma O<sub>U</sub> pode ser movido de sintagmas maiores, considerados Ilhas Nominativas em outras línguas, como no Inglês. Segundo explicação de Lobato (1986:417):

*"Há variação entre as línguas a respeito da possibilidade de extração para além dos limites de uma oração objetiva direta: línguas como o Inglês, só permitem essa extração quando se tem na oração principal um verbo-ponte; línguas como o russo e o alemão nunca permitem essa extração, e línguas como o português parecem permitir sempre essa extração".*

Basta analisarmos os seguintes exemplos (Lobato 1986:419), a fim de entender o que pode ocorrer com o Português, mas não nas demais línguas:

"Que elefantes o diretor do zoológico disse que (a comida (que \_\_\_\_\_ comeram) estava estragada?)"

"Qual o fotógrafo que você viu (a foto (que tirou da princesa?))

Estas e outras peculiaridades sintáticas do Português serão comentadas adiante.

Os resultados de Linebarger et al. para esta condição foram os seguintes, para os pacientes V.S., L.S., E.B. e A.T., respectivamente: 94%, 98%, 86% e 88%. Para P, o índice de acertos foi de 62%. Para esta condição, a explicação de que os erros estejam relacionados às dificuldades dos pacientes com os elementos movidos e seus vestígios é bastante interessante. Em muitas das sentenças, entretanto, há sem dúvida um julgamento de valor em primeiro plano. Basta analisar as sentenças a seguir, para percebermos o que se passa:

63. "Que bicho você acha que fugiu do zoológico?"

P: "Ruim"

64. "Qual irmão você acha que vai passear com você?"

P: "Ruim"

67. Eu gostaria de Maza ganhar na loteria.

P: "Boa"

82. O ladrão tentou escapar pela janela.

P: "Ruim"

Isto fica ainda mais evidente na sentença 83:

83. O piloto parecia o passageiro estar muito cansado.

P: "Ruim"

INV: Por quê, P?

P: "Cansado, não pode, né?"

INV: "O piloto não pode estar cansado?"

P: "Passageiro, pode, piloto não pode".

Após esta ocorrência, expliquei novamente para o sujeito P qual era o objetivo do teste e o que ele deveria analisar. Devemos lembrar do fato de que todas as sentenças da condição 1 e todas estas da condição 4, num total de 90, foram aplicadas misturadas, conforme observa-se no Anexo A.

Ao final da primeira sessão de testes, foi confirmada a impressão inicial de que tais "carinhas", interferiam diretamente nas respostas de P, prejudicando o objetivo central do teste.

### 5.3.2. Segunda Sessão de Testes: 25/06/90

Na sessão seguinte, duas semanas após a primeira, decidi não utilizar mais as figuras. P poderia utilizar-se de tiras de cartolina onde estavam escritas somente as palavras "BOA" e "RUIM", ou então simplesmente falar "BOA", "RUIM", "CERTO", "ERRADO", ou "FALTA".

Nesta sessão estava também presente o sujeito EF, que seria testado apenas com o objetivo de avaliar sua atividade metalingüística no julgamento de gramaticalidade, já que não tratava-se de um afásico agramático. O resultado quanto a seu desempenho e outros comentários serão discutidos no final deste capítulo.

Nesta sessão estavam misturadas as sentenças para as condições 7, 8, 9 e 10, a seguir comentadas.

Condicão 7 - Sentenças Relativas sem categoria vazia: Segundo as autoras, a agramaticalidade de uma sentença como o exemplo "a", a seguir, deve-se ao fato de que deveria existir um vazio (gap) na sentença relativa. A sentença "b", ao contrário, contém um vazio na posição de objeto direto. O verbo, de fato, subcategoriza um objeto direto, que corresponde ao núcleo da sentença relativa "bread":

- a. \* Mary ate the bread that I baked a cake.  
 b. Mary ate the bread that I baked.

Os quatro pacientes já mencionados, testados pelas autoras, obtiveram os seguintes índices de acertos para esta condição: 96%, 96%, 87% e 84%. P acertou 83% das sentenças apresentadas. Das 5 respostas erradas nesta sessão, vale a pena notar que referiam-se às sentenças mais longas. Além disso, P disse que eram "boas", talvez, pelo mesmo motivo relatado nas condições anteriores. Vejamos algumas:

95. A menina fez as tarefas que as professoras

mandaram as lições.

96. A menina fez um trabalho que ficou bonita a  
 tarefa.

112. Os alunos realizaram os exames que as  
 professoras pediram os testes.

Em uma das sentenças, a de número 192, P reclamou: "Muito comprida!".

192. O caderno de Matemática esteve largado sobre  
 a mesa por vários dias, não esteve?

Condição B - Regras de Formação de Sintagmas:  
 (Phrase structure rules) = As sentenças agramaticais

elaboradas para testar a formação de sintagmas violavam as seguintes regras:

\* Sintagmas Adjetivos = Adj + NP

The paper was full mistakes

\* Sintagmas Nominais = NP + NP

The gift my mother is very nice

\* Sintagmas Verbais = NP + V

The man his car is washing

(sendo NP = Noun Phrase, o mesmo que SN = Sintagma Nominal)

Também com referência a esta condição temos que enfatizar a diferença existente nas estruturas do Português e do Inglês. Em nossa língua, a topicalização de elementos possibilita algumas das regras que são tidas no Inglês como agramaticais. O resultado é que, nesta condição, P obteve 87% de acertos. Dos erros mais interessantes, destaco as seguintes ocorrências:

125. A carta estava cheia erros.

P: "RUIM" (Acertou)

126. A carta estava cheia de erros.

P: "RUIM" (Errou, pois a sentença era "Boa")

127: Você recebeu a carta cheia erros?

P: "RUIM" (Acertou)

A ideia que prevaleceu é de que a carta não podia conter erros. Este é o mesmo exemplo que as autoras utilizam para testar a estrutura agramatical "Adj + NP" - "full mistakes", Adjetivo + Sintagma Nominal - o mesmo que "cheia erros". Se uma crítica pode ser feita quanto ao fato de que as sentenças elaboradas em Português remetem a um julgamento de valor, o mesmo pode ser dito do teste de Linebarger et al.

Condição 9 - reflexivas: As autoras escolheram sentenças, para esta condição, da seguinte forma: Metade contendo reflexivas na posição de objeto e a outra metade na posição de intensificadores. Exemplos:

- a. \* I helped themselves to the birthday cake.
- b. I helped myself to the birthday cake.
- c. \* The famous man itself attended the ceremony.
- d. The famous man himself attended the ceremony.

As sentenças agramaticais incluiram violações simples (de número, gênero, ou pessoa) e outras com violações duplas (de número e pessoa conjuntamente). Os pacientes de Linebarger et al. apresentaram os seguintes índices de acerto: 96%, 83%, 77% e 0% (zero). Este último índice, referente ao paciente A.T. indica que ele não é sensível às diferenças entre sentenças gramaticais e agramaticais quanto ao uso dos reflexivos. O índice de

acerto para P foi de 70%. Destaco, neste grupo de sentenças, as de número 161, 175, 175b e 176.

161. Eu me vi toda despenteadas naquele grande espelho.

P: "Cabelo tem que tá penteado!"

(Insiste que não posso falar assim, mesmo que seja verdade; está errado)

175. Eles me viram numa situação delicada.

P: "Ruim"

175b. Eles me viram numa situação agradável.

P: "Boa"

168. Eu se surpreendi com a rapidez do atendimento

P: "Boa"

INV: Posso dizer "Eu se", ou deveria dizer "Eu me"?

P: Certo é "eu me".

#### Condição 10 - "Tag Questions" - Cópia do Auxiliar:

Nesta última condição testada, as sentenças agramaticais consistem na colocação de um auxiliar não apropriado para o sintagma verbal da sentença.

- a. \* John is very tall, doesn't he?
- b. John is very tall, isn't he?

Em Português, as sentenças elaboradas são as de número 185 a 203.

Segundo as autoras, as condições 5 e 10, referentes a "Tag Questions" e a condição 9, referente ao uso dos reflexivos, são as condições mais problemáticas para os pacientes testados. Nesta condição 10, especificamente, os pacientes obtiveram os seguintes resultados: 0%, 76%, 70% e 55%. Para nosso paciente P, o índice de acertos foi de apenas 59%. Todos os pacientes, portanto, obtiveram aqui o maior número de erros. (Com exceção de A.T., que obteve 0% de acerto com as reflexivas).

#### 5.4. Conclusões a respeito do Teste de Julgamento de Gramaticalidade

Como já foi dito no Prefácio e no capítulo 4, o meu interesse pelo fenômeno do agramatismo começou com este teste de julgamento de gramaticalidade. As principais questões apresentadas naquele momento eram as seguintes:

- O teste realmente avalia se o conhecimento sintático dos pacientes chamados agramáticos está preservado?
- A metodologia utilizada é adequada para este tipo de avaliação?

De acordo com os dados apresentados pelas autoras e pelos dados obtidos com P, podemos notar uma aproximação muito grande em termos numéricos. Se eu tivesse me limitado a anotar os resultados e analisá-los estatisticamente, este caso de agramatismo seria mais uma evidência a favor da hipótese que as autoras pretendem defender, de que o domínio das regras gramaticais está preservado nestes pacientes.

O que ocorre, entretanto, é que há muitas evidências que mostram que vários outros fatores, além do julgamento de regras gramaticais, influenciaram nas respostas de P.

Retornando à primeira das questões acima, poderíamos dizer que o teste, estatisticamente, consegue demonstrar que está preservada a sensibilidade dos agramáticos à estrutura sintática do Inglês. Após averiguarmos qualitativamente seus resultados, entretanto, não podemos dizer que sejam resultados conclusivos. Sendo assim, a segunda questão está praticamente respondida. O que foi feito durante o teste - acrescentar novas questões, perguntar ao paciente o que estava errado ou por quê estava errado, permitir comentários, etc., demonstrou que a metodologia utilizada no teste original não é adequada para estudar o domínio que os agramáticos efetivamente possuem sobre as regras gramaticais.

Para ilustrar o grau de dificuldade de P para lidar com esta tarefa metalingüística, basta comparar com os resultados obtidos pelo sujeito EF, no mesmo teste. Enquanto eu aplicava o teste a P, EF fazia gestos a cada vez que P errava, chegando a irritar-se em algumas situações. Devido ao problema de sua grave apraxia oral, ou seja, de dificuldades fonético-articulatórias que caracterizam seu quadro afásico, o sujeito EF respondia às questões apontando para os cartões. Em momento algum foi necessário tornar a explicar o objetivo do teste ou repetir sentenças. Ele errou apenas duas questões: 18 e 28 que, contextualizadas, poderiam até passar por gramaticais: "Eu quero de um pouco arroz e feijão" e "O menino fez para a mãe rapidamente".

Depois de todas estas considerações, ficou claro que eu não poderia pensar em reproduzir este modelo de teste, aprofundá-lo e aplicá-lo sistematicamente a pacientes com afasias ou distúrbios demenciais.

A consequência desta postura foi a tentativa de aprofundar-me no tema do agramatismo, conhecendo a trajetória de sua pesquisa, as principais teorias que procuram descrever e explicar o fenômeno, a questão da variação, os estudos "cross-language" para, só então, repensar a questão metodológica.

O capítulo 6, portanto, procura reunir algumas reflexões feitas ao longo deste percurso e apontar para possíveis caminhos no estudo do fenômeno do agramatismo.

## CAPÍTULO 6

### O estudo do agramatismo e o estudo do processamento normal da linguagem

Como já foi dito na Introdução deste trabalho, para nós - linguistas, psicolinguistas e neurolinguistas - interessa, com relação aos mecanismos subjacentes às funções cognitivas mais complexas, o funcionamento da linguagem.

Os estudos sobre os distúrbios afásicos e demenciais têm sido de extrema importância para a formulação de hipóteses a respeito do funcionamento do cérebro como um todo e da contribuição das suas diversas áreas, na organização das funções superiores.

Especificamente no estudo do processamento da linguagem, algumas categorias clínicas, com diferentes características, classificadas principalmente como afasias motoras ou afasias sensoriais têm sido descritas e analisadas, em busca de um maior conhecimento dos seus mecanismos cerebrais.

Vimos que o princípio da transparência, cuja definição foi dada no capítulo 3, parece guiar uma grande parte das pesquisas realizadas sobre o fenômeno. Isto é,

acredita-se que aquilo que o paciente efetivamente produz, ou deixa de produzir, deve refletir de maneira direta o seu verdadeiro déficit linguístico. Sendo assim, a partir do momento em que se percebe uma variação muito grande na descrição dos sintomas, torna-se muito mais difícil inferir a respeito dos mecanismos responsáveis pelo processamento normal de linguagem. Devemos retomar também aqui o que foi dito por Caramazza & Berndt (1985) a respeito da consequência de aceitar-se o princípio da transparência: esta visão rejeita a hipótese de que o desempenho patológico é o resultado de uma nova organização dos mecanismos alterados na patologia.

Além do fato de acreditarem nesta relação direta entre os dados produzidos por afásicos e o déficit em um determinado módulo ou nível de processamento, parece haver também implícita a noção de que o processamento linguístico seria igual para todos os falantes.

Estas pré-concepções teóricas que orientam os estudos até então realizados, sejam elas linguísticas ou neuropsicológicas, têm levado os estudos de categorias clínicas, como o do agramatismo, a um impasse.

Segundo Berndt, R. (in Menn & Obler, 1990: Prefácio), a questão da heterogeneidade nos dados tem levado pesquisadores a adotarem três diferentes posturas perante o

fenômeno. A primeira delas já foi comentada no capítulo 2 (p. 29). O trabalho de Miceli et al. (1989) e outros estudos de Caramazza e colaboradores têm procurado demonstrar a irrelevância do estudo das categorias clínicas no estudo do processamento normal da linguagem. As outras duas posições são as seguintes, conforme Berndt:

*"Muitas abordagens recentes e influentes a respeito do agramatismo têm evitado este problema da heterogeneidade entre os pacientes, trabalhando com o caso idealizado: agramáticos são vistos como consistentemente omitindo todos os elementos de um determinado tipo, como sendo incapazes de produzir certos tipos de construções, enquanto têm preservadas outras áreas, bem definidas. Estes exercícios teóricos, apesar de serem, sem dúvida, úteis para a delimitação dos tipos de sintomas que possam receber determinadas explicações, têm pouco contribuído para esclarecer os mecanismos subjacentes ao verdadeiro déficit. Uma outra reação à heterogeneidade de sintomas encontrados pacientes que são chamados agramáticos é a de abandonar qualquer tentativa de explicar o fenômeno de forma generalizada e se concentrar nos estudos de casos individuais".*

Ignorar a variação existente no agramatismo, por um lado, ou acreditar que nada existe em comum entre os casos de agramatismo, por outro, são atitudes que se derivam de posturas teóricas generalizantes. Entretanto, como veremos a seguir, uma análise de casos individuais realizada longitudinalmente, parece poder explicar grande parte das variações encontradas e, a longo prazo, contribuir para uma melhor caracterização da categoria clínica do agramatismo e para o estudo dos mecanismos envolvidos.

A questão das variações individuais, observadas nos dados de linguagem em estados patológicos, levanta uma série de outras questões, por exemplo: O processamento da linguagem ou de qualquer outra função cognitiva complexa seria igual para todos os indivíduos? As áreas do cérebro mais especializadas para realizar determinadas funções são também as mesmas para todos? O que a ciência tem a nos dizer a respeito das diferenças neuroanatômicas e funcionais dos cérebros dos indivíduos?

Acredito que ao refletir um pouco sobre estas questões talvez possamos ter um "insight" a respeito da natureza das variações.

## 6.1. Cérebro e Linguagem: Idealização de modelos.

O fenômeno da variação torna-se uma grande barreira para muitos estudos. Uma das posições assumidas, portanto, é a de se trabalhar com casos idealizados, como o do agramatismo puro. Além disso, como afirma Mecacci (1987), a ciência estuda um cérebro médio como modelo. Resumindo, uma série de abstrações são utilizadas com o objetivo de propor modelos teóricos: falante ideal, falante agramático ideal, agramatismo puro, cérebro médio e outras.

### 6.1.1. O cérebro "médio".

A respeito da conceção de cérebro pelos cientistas, Mecacci afirma:

"A representação que a ciência atual nos dá do cérebro é a de um cérebro médio, com estrutura e funções comuns aos homens e às mulheres de toda a Terra. O cérebro que foi estudado e sobre o qual foram obtidos conhecimentos da maior importância é o cérebro do homem que se aproxima de uns dois mil, mas considera-se ser o mesmo de que a espécie humana está dotada há dezenas de milênios."

Há outro cérebro que a ciência não estuda, ou só considera marginalmente. É, em primeiro lugar, o cérebro de cada indivíduo, cada um diferente do outros e depois, o cérebro de indivíduos pertencentes a culturas diferentes. É o cérebro dos cientistas e dos artistas, dos que navegam no oceano daqueles vivem nas tundras ou em extensões de gelo, de quem sabe ler e escrever ou de quem pertence a uma cultura sem escrita, de quem, por doença ou acidente, perdeu suas funções mentais. (...) A variedade do cérebro dos homens é a fonte do predominio dessa espécie de animais sobre as outras espécies e a origem das relações sociais e da cultura. A variedade do cérebro humano, porém, é ignorada. Estuda-se um cérebro normal que, na realidade, não existe".

Quando Maccaci refere-se às variedades, fica evidente de que trata-se de diferenças de organização funcional, não apenas diferenças anatômicas:

"Para pesquisar a variedade da organização funcional do cérebro humano, não podemos basearmos tão somente nos relatórios de especialistas em ciências neuroológicas e em psicologia. Essas ciências tendem a anular as diferenças, pretendem construir um cérebro e uma

mente universais. Assim, os casos que apresentam uma riqueza funcional insuspeita são considerados uma exceção. Se, ao lado dos dados científicos, colocarmos os dados da história do homem e nos perguntarmos como o cérebro guiou-o no domínio da natureza e na construção das sociedades, parecerá improvável que essa máquina tenha sido montada e posta em movimento de uma vez por todas, que ela nunca tenha modificado seu modo de funcionar, que funcione da mesma maneira em todos os seus indivíduos".

Mecacci cita em seu livro "Conhecendo o Cérebro", vários casos de indivíduos que ou foram privados de uma atividade linguística desde que nasceram, como a menina Genie (p. 17), ou que perderam parcialmente esta atividade por um acidente de outra natureza, como o soldado Lazetski, com uma lesão causada por um tiro (p. 26). O autor cita também os compositores Ravel, Chebalin e Beethoven (p. 53 - 65) que tiveram suas habilidades linguísticas e musicais afetadas por patologias. Fala ainda sobre povos de culturas diferentes e sobre a linguagem desenvolvida por sujeitos cegos-surdos-mudos, relacionando sempre os distúrbios à história dos sujeitos ou dos grupos em questão.

O caso de Genie, citado por Mecacci, faz lembrar uma das questões lançadas por Isserlin, em 1922, apontada no

capítulo I: "Quais são as hipóteses atuais sobre as causas do agramatismo? Existem outras maneiras pelas quais o agramatismo possa ser produzido, sem serem aquelas devidas à afasia?" Segundo Mecacci, as características da linguagem de Genie são:

"um conhecimento de vocabulário maior que o domínio das regras sintáticas, melhor compreensão do sentido de uma frase que da sua construção sintática, maior capacidade de compreensão da linguagem que da sua produção. Assim, Genie podia dizer "Hospital não ficar", "Eu não ir compras", demonstrando um uso não evoluído da gramática e da sintaxe, mas comunicando seus desejos".

Esta característica dos enunciados de Genie lembram o caráter telegráfico de certos enunciados dos sujeitos agramáticos. Tenho a impressão, entretanto, de que apenas aparentemente podemos caracterizá-los como agramáticos. A não ser que o agramatismo seja única e exclusivamente definido em termos linguísticos, não importando a relação com mecanismos subjacentes. No caso de Genie, ela está aprendendo a linguagem. No caso dos agramáticos este tipo de produção é a consequência de uma lesão cerebral. As semelhanças talvez possam ser explicadas

pragmaticamente, levando em conta uma das funções da linguagem - a comunicativa.

O soldado que Necacci cita em seu texto é um russo que, ferido na guerra contra os alemães, em 1943, foi atingido na parte posterior do hemisfério esquerdo. Seu caso foi acompanhado e estudado por Luria. Suas anotações mostram a terrível situação em que se encontrava, consciente de suas limitações linguísticas:

*"Do momento em que fui ferido, vivo uma espécie de vida incompreensível, dúplice. Por um lado, sonho ter-me tornado repentinamente um anormal, quase inteiramente analfabeto, cego, doente (...). Comecei a pensar de maneira diferente, ou seja: que um homem não pode sonhar indefinidamente, tanto mais sabendo que os anos voam, um depois do outro(...). Comecei a pensar que o que vejo é um sonho, um sonho terrível! Mas pensei também o contrário: não é um sonho, mas o resultado de um ferimento na cabeça! É necessário, então, aprender de novo todas as letras, para ler os livros (...). Era-me difícil acreditar na realidade, mas esperava despertar do sonho (mas será isto um sonho?) (...) Esse sonho é comprido demais, não existe na realidade. Os anos passam velozmente, percebo-o. Mas, se isso não é um*

*sonho, é estar acordado, então por que a cabeça ainda me dói, zumbé e gira?".*

Achei interessante citar este trecho das anotações de Zazetski, pensando na seguinte questão: O que diriam os testes metalingüísticos tradicionais, a respeito do seu conhecimento linguístico? Baseados apenas em sua produção oral, talvez mostrassem a total perda das relações sintáticas e semânticas.

Voltando à questão fundamental quanto à variação de organizações funcionais nos indivíduos, Mecacci afirma que:

*"( . . . ) podemos dizer que as funções cerebrais fundamentais permaneceram as mesmas no decorrer dos séculos. O que pode ter mudado, porém, é a interação entre essas funções, o papel e o peso assumido em épocas, culturas e homens diferentes, por algumas funções com respeito a outras (por exemplo, a visão com respeito à linguagem)".*

Com esta última citação de Mecacci, a seguir, encerro esta reflexão que, a meu ver, deve ser muito considerada na Neuropsicologia e na Neurolinguística, atualmente, quando pensamos em fazer algum tipo de

inferência a partir de dados obtidos com pacientes que apresentam distúrbios afásicos e/ou demenciais:

"A transformação que a mente do homem pode ter conhecido no decorrer dos séculos, e sobre a qual há documentos da literatura e da arte, não significa que, a uma certa altura da história humana, tenha apreciado uma nova anatomia cerebral e um cérebro diferente, que os forneces homens do mundo moderno e não mais da Idade Média, do mundo grego e não mais da Idade da Pedra. Seguramente, o cérebro do homem é o mesmo desde há milhões de anos, se considerarmos sua estrutura anatômica. A transformação concerne, em vez disso, ao modo de funcionar de tal estrutura, ou, na expressão de Luria, como o cérebro trabalha hoje e como trabalhou no passado."

Segundo a escola soviética de psicologia, fundada por Vygotsky e de que Luria foi um dos principais expoentes, as transformações das funções cerebrais são determinadas pela sociedade, pela textura das relações sociais em que um indivíduo nasce e cresce. Assim como as relações sociais variam na história, essa determinação da atividade cerebral também tem sua evolução histórica. (...)

*Essas novas possibilidades do cérebro que se desenvolvem na história são transmitidas pelas estruturas sociais. O cérebro do homem é o mais poderoso dentre as espécies animais, devido à sua grande potencialidade em adquirir da sociedade novas organizações funcionais (...) .*

Há, portanto, duas dimensões da historicidade do cérebro humano. A primeira é de longa duração e se manifesta nas transformações que as funções cerebrais superiores, a mente, sofreram através dos séculos da história humana. A segunda concerne às diferenças entre indivíduos de uma mesma época. "

Quanto à linguagem, mais especificamente Maccací afirma:

*"Falar, ler e escrever são processos que requerem uma organização cerebral, mas esta pode seguir caminhos diferentes, ainda que alguns desses sejam mais comuns que os demais. O conceito fundamental a ser introduzido no estudo do cérebro humano é a variável individual. (...) Se o cérebro de um homem, de um ponto de vista estritamente genética, pode ser considerado fora*

*da história individual e da sociedade, a partir do momento em que fala ou produz outras funções psíquicas ele se torna tão-somente aquilo que a sua história individual e a sociedade em que age lhe permitem. Esse cérebro pode não falar uma língua universal, mas sim um dialeto ou uma língua culta, pode ser monoglotas ou poliglotas, mas será, de uma maneira ou de outra, marcado pela sua determinação individual e social."*

Acredito que esta possibilidade à qual se refere Mecacci de que possa haver diferentes caminhos para a organização cerebral de uma função como a linguagem, ajude a compreender certas variações nos dados de pacientes agramáticos. A relação que cada um dos pacientes possa ter com as diferentes modalidades da linguagem como a leitura e a escrita, a relação com os diversos graus de formalidade de registros, diferentes dialetos, etc., pode afetar o padrão de omissões de elementos gramaticais. Lembrando do estudo de Niceli et al., basta pensar na grande variedade dos dialetos, principalmente em uma língua como o Italiano.

#### 6.1.2. O falante ideal

Assim como a ciência nos apresenta como modelo um cérebro médio, desconsiderando variações individuais, há também nos estudos linguísticos certas abstrações, como já

foi mencionado anteriormente, derivadas a partir das principais dicotomias estruturalistas e gerativistas: "Língua x Fala" e "Competência x Desempenho", respectivamente. Uma destas abstrações é a do falante ideal. Talvez influenciada por estes modelos notar-se, atualmente, uma certa tendência nos estudos sobre o agramatismo, como foi visto no início deste capítulo, de se estudar um falante-agramático-ideal, também desconsiderando a heterogeneidade verificada empiricamente. Estes modelos, conforme mostra Coudry (1988:27), aplicados diretamente a um domínio como o da afasiologia, reduzem a complexidade dos linguagem e a multiplicidade de seus fenômenos.

Partindo da noção de atividade constitutiva (Franchi, 1977), Coudry aponta para a importância do processo de construção do significado, à luz de uma teoria de linguagem orientada discursivamente. Neste quadro teórico, fundamenta as análises dos dados dos sujeitos afáicos e orienta sua conduta terapêutica.

Um dos pacientes estudados por Coudry, (1988:95) é o sujeito P. A seguir, tendo como ponto de partida este estudo, procurarei analisar as principais questões aqui tratadas, à luz de uma teoria de linguagem orientada discursivamente.

## 6.2. Os distúrbios de linguagem analisados à luz de uma teoria de linguagem orientada discursivamente

Vimos que os modelos propostos pelas teorias estruturalista e gerativista não são adequados para a análise dos dados da linguagem patológica. Uma nova direção tem sido dada ao tratamento dos pacientes afásicos e/ou demenciais pelo grupo que trabalha na área de Neurolinguística do IEL, à luz das teorias de linguagem orientadas discursivamente.

Mas, quais as diferenças principais entre as noções desta concepção de linguagem e as anteriores? Possenti (1988:57), em seu trajeto para mostrar o que aconteceu de novo na Linguística, com a concepção do discurso como seu objeto de estudo, deixa claro que não se trata apenas de uma apropriação das formas pelo falante, como sugeriu Benveniste (1970), porque nesta concepção fica excluído o fato de que o locutor age também sobre a língua. Em suas palavras:

"O objeto deste novo modo de abordagem dos fenômenos linguísticos é o discurso, entendido como colocação em funcionamento de recursos expressivos de uma língua com certa finalidade, atividade que sempre se dá numa instância concreta

e entre um locutor e um alocutário. Não se trata, pois, apenas, de estabelecer relações entre formas, mas de descobrir por quais procedimentos (entre os quais as regras gramaticais, mas não só) se dá a atividade discursiva. É bem outro ponto de vista. Sua questão fundamental é: como, com um sistema linguístico indeterminado, pode-se, em circunstâncias dadas, produzir-se um discurso com exatamente tal forma e tal interpretação. E, dado que há, em geral, possibilidade de mais de uma interpretação, por quais mecanismos se chega eventualmente a determinar a interpretação desejada ou as interpretações possíveis"

A noção crucial que distingue a teoria do discurso é que não se trata apenas de uma apropriação da forma pelo falante. Entender-se esta relação entre forma e falante como sendo constitutiva. Esta atividade constitutiva é "realizada com a língua, mas é realizada também em relação à língua, sobre a língua. Quer-se, mais, marcar a simultaneidade das duas atividades" (Possenti, 1988:50). A seguir, farei uso de citações de vários trechos deste trabalho de Possenti, que apresentam certas noções que considero importantes no tratamento de dados de linguagem patológica, tais como: trabalho, escolha de recursos disponíveis ao falante, construção da significação numa relação dialógica e outras.

Segundo o autor, optando pelo conceito de constituição, quer-se ressaltar que as línguas são resultados do trabalho dos falantes:

"Se foi o trabalho de todos os que fizeram uma língua que levou a um determinado estágio, seria incongruente imaginar que, neste estágio, os falantes não trabalham mais, apenas se apropriam do produto. Por outro lado, como nem todos os que trabalham por uma língua são iguais, é de se esperar que o produto apresente irregularidades, desigualdades, traços, enfim, da trajetória de cada um dos elementos constituidores de uma língua. No mínimo, a cada vez que um locutor diz uma palavra, está colaborando para que a língua continue mantendo um determinado traço ou, inversamente, para que ela venha a modificar-se (ou, terceira alternativa, para que ela continue a manter duas variantes deste "mesmo" traço).

Dada esta multiplicidade de recursos desiguais que a língua oferece à atividade do locutor a cada discurso, pode-se legitimamente supor que o locutor escolhe aqueles recursos que mais adequadamente servem à sua finalidade (...).  
(p. 56)

Pensando no que foi dito no capítulo 4, a respeito da fala espontânea dos pacientes, e no capítulo 5, quando comentei os resultados de P no teste de julgamento de Gramaticalidade, vejamos como Possenti resume e retoma a relação entre a língua e o falante:

*"Dizer que o falante constitui o discurso significa dizer que ele, submetendo-se ao que é determinado (certos elementos sintáticos e semânticos, certos valores sociais), no momento em que fala, considerando a situação em que fala e tendo em vista os efeitos que quer produzir, escolhe, entre os recursos alternativos que o trabalho linguístico de outros falantes e o seu próprio, até o momento, lhe põe à disposição, aqueles que lhe parecem os mais adequados".*

Não pretendo fazer uma transposição simplista desta concepção de trabalho linguístico e de escolha de recursos disponíveis aos falantes, aos dados da afasia. Entretanto, os dados que temos de P mostram que uma terapia guiada pela concepção de linguagem como atividade constitutiva, com diferentes princípios protocolares, permitiu que ele enfrentasse as suas dificuldades sintáticas e desenvolvesse recursos linguísticos alternativos. Segundo Possenti (1988:59) "a seleção de um conjunto de

recursos expressivos ao invés de outros tem sempre a ver com os efeitos que o locutor quer provocar. Por efeitos entenda-se informar, impressionar, identificar-se, convencer, obter uma resposta, etc." É evidente que o autor não trata, nesta passagem, do caso de linguagem patológica. Entretanto, ao analisar exemplos de P, como aquele que já foi citado no capítulo 3: "Agora, essa aqui é (...) Caiu, está caiu, né? (Alongando "caiu" mais do que o necessário, como buscando a forma "caindo")" e outros, que veremos a seguir, percebemos que ele escolhe dentre os recursos que têm disponíveis, os elementos que julga mais significativos para descrever situações ou comunicar suas intenções.

Nos exemplos citados por Coudry (1988:124) percebemos que é através da interlocução que P faz suas escolhas mais adequadamente. Neste sentido é que se coloca a afirmação de Heeschen (1985) de que o que é patológico na linguagem do agramático, em relação à linguagem normal, é a sua maior dependência do interlocutor e do contexto de produção na organização sintática de seus enunciados. Em outras palavras, o componente sintático teria, nos agramáticos, uma menor autonomia em relação aos outros níveis, principalmente os níveis semântico e pragmático.

Vejamos alguns exemplos:

(14/06/84: foto de um menino ao lado de um toca-discos)

INV: O que este menino está fazendo?

P: Disco

INV: O que ele tá fazendo com o disco?

P: Louve, louve, louve.

(14/06/84: foto de um homem agachado, trabalhando com um pneu)

INV: O que este homem está fazendo?

P: Pneu, pneu

INV: Fazendo o que com o pneu?

P: Caligrando (Em vez de "calibrando")

(13/02/86: investigadores e P conversam sobre programas de televisão que mostram desfiles de escola de samba, em 1986)

INV: O que elas estão fazendo?

P: Sambanho, samban... (...) Como é que chama?

INV: Samban... (Prompting para "sambando")

P: Sambanha, sambanhas, sambanhas.

INV: Samband... (Extensão do prompting anterior)

P: Sambando!

Coudry analisa, detalhadamente, vários outros exemplos de interacção com P. Me limitarei a estes, acima apresentados, pela natureza deste trabalho e porque os torno

apenas como ilustrações para o argumento de que uma teoria de linguagem orientada discursivamente é adequada na análise dos dados de linguagem patológica e compatível com o modelo neuropsicológico que considera a variável individual e histórica no processamento das funções cognitivas e/ou linguísticas.

Para encerrar esta reflexão a respeito da análise dos problemas teóricos e metodológicos do fenômeno do agramatismo, à luz de uma teoria orientada discursivamente, passo a citar o trabalho de Geraldi (1990), que remete à questão da relação entre produção e compreensão.

Ao refletir sobre as ações linguísticas, tendo por guia o trabalho de Bakhtin (1977), Geraldi (1990:17) faz as seguintes afirmações:

*"A aprendizagem da Linguagem é já um ato de reflexão sobre a Linguagem: as ações linguísticas que praticamos nas interações em que nos evolvemos demandam esta reflexão, pois compreender a fala do outro e fazer se compreender pelo outro tem a forma do diálogo: quando compreendemos o outro, fazemos corresponder à sua palavra uma série de palavras nossas; quando nos fazemos compreender pelos outros, sabemos que às nossas palavras eles fazem corresponder uma série*

*de palavras suas", (...). Se entendermos a linguagem como mero código, e a compreensão como decodificação mecânica, a reflexão pode ser dispensada; se a entendermos como uma sistematização aberta de recursos expressivos cuja concretude significativa se dá na singularidade dos acontecimentos interativos a compreensão já não é pura decodificação e a reflexão sobre os próprios recursos utilizados é uma constante em cada processo".*

Ao abordar a questão do tema no processo de significação, Geraldi (1990:19) enfatiza o espaço de construção do significado no jogo dialógico:

*"No processo de compreensão ativa e responsável, a presença da fala do outro deflagra uma espécie de "inevitabilidade de busca de sentido"; esta busca, por seu turno, deflagra que quem comprehende se oriente para a enunciação do outro. Como esta se constrói tanto com elementos da situação quanto com recursos expressivos, a adequada compreensão destes resulta de um trabalho de reflexão que associa aos elementos da situação os recursos utilizados pelo locutor e os recursos utilizados pelo interlocutor para estabelecer a correlação entre os dois primeiros. Novamente na*

*segundo Bakhtin, a significação "é como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois polos opostos".*

### 6.3. A contribuição dos trabalhos de Kolk et al. e de Heeschen

Ao longo deste trabalho os estudos de Kolk et al. (1985) e de Heeschen (1985) foram mencionados diversas vezes. Ambos estão incluídos na coletânea de estudos organizada por Kean (1985) sobre o fenômeno do agramatismo e argumentam a favor da hipótese de um déficit de processamento linguístico. A natureza deste déficit, segundo Kolk et al., é explicada pela hipótese de "delay", que seria uma demora nas rotinas de acesso aos ítems semânticos e, consequentemente, do encadeamento destes ítems nas cadeias sintáticas.

A explicação para o que estaria ocorrendo com os mecanismos subjacentes de processamento linguístico, gerando o agramatismo, seria a seguinte, apresentada resumidamente:

Os autores enfatizam que há uma certa popularidade na crença de que a perda de células, decorrente de uma lesão, também leve à perda de certos conhecimentos ou habilidades. Ao contrário, Kolk et al. acreditam que uma função específica possa estar localizada em uma determinada

área do cérebro, mas que esta localização significa apenas uma especialização. No caso de uma lesão, outras áreas podem desempenhar esta mesma função mas, não sendo especializadas para a mesma, teriam menos propriedades fisiológicas (less optimal physiological properties). Podem ser menos conectadas a outras áreas importantes para o desenvolvimento desta função - teriam menos conexões, conexões mais longas, conexões mais lentas, por exemplo. Algumas funções seriam irrecuperáveis e outras poderiam ser realizadas de maneira mais lenta. Segundo os autores, esta hipótese tem o respaldo de trabalhos importantes como os de Monakow (1914), Goldstein (1948), Luria (1970) e Lenneberg (1967, 1975), dentro da chamada teoria "dinâmica" do cérebro.

Dentro deste quadro teórico, as omissões na fala agramática não resultam do próprio déficit. "São a consequência da maneira específica pela qual o paciente, por meio de um sistema preservado, adaptar-se ao déficit".

Segundo esta concepção, portanto, o déficit primário seria um "slowing down" nos mecanismos subjacentes à produção do agramatismo. A questão que os próprios autores colocam, neste sentido, é a seguinte: Se tratasse apenas de um "slowing down" nestes mecanismos, porque então o paciente apenas não fala mais devagar?

Segundo Kolk et al., em uma sentença gramatical, os vários morfemas devem apresentar concordância entre si e têm que ser posicionados corretamente. As palavras funcionais e inflexões deverão ter formas diferentes em contextos diferentes, como resultado de caso, número e gênero. Para que isso ocorra, estas informações deverão estar presentes "on line", simultaneamente, pelo menos por um breve período de tempo. Neste sentido, uma demora no processamento de tais informações faz com se perca esta "frame" sintática. O grau de severidade seria responsável pelas variações, neste sentido.

O que, exatamente, estaria sendo prejudicado por este "delay"? Uma hipótese é a de que todas as regras sintáticas estejam preservadas, disponíveis, mas existiria um atraso geral em todos os processos pelos quais estas regras seriam aplicadas. Há também a hipótese que coloca esta demora ao nível do acesso lexical, não da formação da sentença, mas o processo seria basicamente o mesmo. O atraso na escolha do léxico fonológico, sintático e semântico faria com que as informações prévias fossem esquecidas rapidamente. É assim que os autores concebem o distúrbio subjacente ao agramatismo. É a este distúrbio que o agramático adapta-se. Esta adaptação não tem efeito algum no próprio déficit, evidentemente, mas pode diminuir os efeitos na produção da sentença. Falando telegraficamente, as cadeias sintáticas ficam mais curtas, as operações

sintáticas levam menos tempo. Os autores apresentam também uma hipótese a respeito da fala telegráfica e da decisão do paciente de adaptar-se ao déficit. Entretanto, acredito que simplificam demais a análise das dificuldades sintáticas apresentadas pelos pacientes.

Este trabalho de Kolk et al. tem sido muito considerado em pesquisas atuais a respeito do fenômeno, que argumentam a favor da hipótese do déficit de processamento linguístico. Veremos, a seguir, como Heeschen concebe o agramatismo e qual a sua contribuição para o estudo do fenômeno.

Heeschen (1985) faz também algumas reflexões importantes, seguindo esta linha de raciocínio proposta por Kolk et al. Como já vimos no capítulo 4, Heeschen não acredita que a fala espontânea do paciente seja uma "janela aberta para o mecanismo afetado". O autor também propõe que o agramatismo na fala espontânea é o produto de uma reação ao problema linguístico, e não o próprio déficit. Sua maior contribuição parece ser, entretanto, com respeito à questão da metodologia utilizada para testar os distúrbios afásicos. Segundo Heeschen, certos resultados não indicam nada a respeito do déficit efetivo. O mal desempenho dos pacientes é devido à artificialidade e falta de motivação de propostas, principalmente com respeito às construções

sintáticas complexas e isoladas de qualquer contexto, apresentadas aos agramáticos.

Heeschen mostra, por exemplo, como as passivas são muito melhores compreendidas pelos pacientes quando são contextualizadas. O autor insiste no fato de que se deve considerar sempre aquilo que os pacientes fazem e não apenas o que não fazem.

Ao analisar o exemplo citado no capítulo 4, verificando que o paciente adapta a forma morfo-sintática do seu enunciado, Heeschen diz que este paciente é, a seu ver, "overgrammatic" - super gramático, pois consegue utilizar todos os recursos contextuais possíveis, o que requer um grande conhecimento gramatical.

Os trabalhos de Kolk et al. e de Heeschen também diferem em alguns aspectos. Este último não acredita que o déficit subjacente seja apenas um "delay" nos mecanismos de processamento linguístico, mas sim uma perda da autonomia da sintaxe, ou uma interação patológica entre este nível e os demais, hipótese bastante interessante, a meu ver.

#### 6.4. A questão da metodologia retomada à luz desta teoria de linguagem orientada discursivamente

Muito já foi dito, nos capítulos 4 e 5, a respeito da questão da metodologia que é tradicionalmente adotada no estudo dos distúrbios afásicos. Vimos a crítica de Coudry (1988) com referência aos testes metalingüísticas e à necessidade de que sejam propostas tarefas epilingüísticas aos pacientes. A análise de dados, à luz de uma teoria de linguagem orientada discursivamente, como vimos neste capítulo, não pode desprezar os recursos que os pacientes se utilizam na sua construção linguística. A título de exemplo, proponho que façamos uma rápida análise dos seguintes enunciados:

- a) "é porque de noite...está vazia bem vazia não tem trânsito (mas)...é concreto com rua...asfalto... acabou né? Lins por exemplo não é assim né? Você tem...tem um aspecto de... de acho que parece bairro a cidade né? não tem muito movimento...éh::chega seis sete horas todo mundo na rua...ah não sei...deve ter uns::"
- b) "histórias de um...de um de um boy barato ai né? carro envenenadíssimo... então temos que quando o cara vai acelerar assim:: ele agarra a direção assim:: pisa no acelerador:: e faz um movimento assim como estivesse caval/cavalgando"

- c) "mas uma certa hora pode é o que eu digo...você vê cada vez o que acontece? ... um um es/alguma falha no sistema...começa...poder...o próprio sistema... no mundo inteiro né? ai quando isso se torna assustador ... o sistema (fala) "ah vamos parar com isso... psiu poda né?"
- d) "Você viu hoje? eu tava lá no terminal Cury ...eu tava lá esperando...ônibus. tinha lá um senhor...como chama?...hospital...ele queria que...como chama? receitas, né? não queria vir aqui. então...entregar ...eu não quis...eu não queria não. então, receita, receita é outra coisa."
- e) "acho que não: precisa... crianças e adultos...precisa aprender como chama? esportes, passear, passear, como chama? língua estrangeira, né? Inglês, inglês, russo...tem mais, né?"

Pelas descrições que temos de agramatismo, ao longo da literatura, qual destes trechos seria o mais agramático? Qual é o mais fragmentado? Qual deles apresenta mais parafasias ou problemas de anomia?

Entretanto, apenas os exemplos "d" e "e" foram produzidos por um agramático - P. Os demais exemplos foram extraídos de entrevistas com pessoas cultas e normais, do

trabalho realizado por Castilho & Preti (1986), "A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo".

Vemos, portanto, que muito do que é normalmente descartado na análise de dados de linguagem patológica - repetições, hesitações, auto-correções, parafasias, etc. - serviria para esclarecer aspectos do processo de construção linguística que também são processos utilizados por falantes normais.

#### 6.5. Conclusões

Vimos no capítulo 1 - Motivações teóricas para o estudo do agramatismo - que o maior interesse por este fenômeno está diretamente ligado à possibilidade de se inferir a respeito do processamento normal da linguagem.

Ao longo deste trabalho procurei refletir a respeito das principais questões e controvérsias apresentadas na literatura - a das variações individuais, a do paralelismo entre compreensão e produção e, principalmente, a questão da metodologia.

No início deste capítulo 6, vimos que uma das posturas teóricas é a de se abandonar o estudo da relação entre a categoria do agramatismo e o processamento normal de linguagem. O motivo principal que leva alguns

pesquisadores a adotarem esta posição é a questão da variação nos padrões de omissão ou realização de marcas gramaticais. Outra postura é a de se ignorar as variações e postular um falante-agramático-ideal e, por consequência, um modelo de processamento normal que seria igual para todos os falantes. A terceira possibilidade apresentada é a de se concentrar nos casos individuais e abandonar qualquer tentativa de explicar o fenômeno de forma generalizada.

Pelas críticas feitas ao longo deste trabalho, parece ficar claro que rejeito as duas primeiras posições. As variações não podem ser ignoradas, mas também não se apresentam como barreiras para o estudo da relação entre os fenômenos patológicos e o processamento normal de linguagem. As variações podem e devem ser explicadas, à luz de modelos neuropsicológicos e linguísticos que admitam as variáveis individuais e históricas. A questão da metodologia tem uma importância crucial nestas explicações.

A terceira posição, acima apontada, de se partir para a análise de casos individuais parece ser a mais adequada para o estudo do fenômeno do agramatismo. Discordo, entretanto, que deva ser abandonada a tentativa de de se explicar o fenômeno de forma generalizada. Acredito que, a partir desta análise de casos realizada longitudinalmente, à luz de uma teoria de linguagem orientada discursivamente, poderemos, a longo prazo,

explicar a maioria destas variações encontradas. Os dados de P, ao longo do estudo que tem sido realizado desde 1983, mostram que seu agramatismo inicial não é igual ao seu agramatismo atual. A variação entre os diversos momentos de sua produção, entretanto, pode ser explicada pelas análises já realizadas e pela conduta terapêutica adotada. As soluções para suas dificuldades são pragmáticas, conforme aponta Guindaste (tese de doutorado, Unicamp, em preparação).

Vimos também que foram publicados, recentemente, dados de agramatismo de quatorze diferentes línguas (Menn & Obler, 1990). O estudo do fenômeno no Português poderia também contribuir para este estudo "cross language", mostrando as peculiaridades sintáticas de nossa língua, como foi apontado no capítulo 5, como por exemplo a topicalização.

Vimos que há estudos atuais que procuram relacionar os dados de agramatismo aos mecanismos subjacentes, como os trabalhos de Kolk et al. (1985) e de Heeschchen (1985), explicando as variações individuais em termos de estratégias de "adaptação" ou "reação" ao déficit. No momento, entretanto, muitos pontos importantes permanecem ainda obscuros. Acredito que o estudo do fenômeno, no âmbito da Linguística, poderá contribuir muito para que

possamos compreender e explicar a sua relação com o processamento normal da linguagem.

NOTA REFERENTE AOS ANEXOS

**ANEXO A**

O anexo "A" apresenta as sentenças do Teste de Julgamento de Gramaticalidade de acordo com as diferentes condições sintáticas. As condições 1 e 4, cujas sentenças vão de 1 a 90 foram apresentadas ao paciente na primeira sessão de testes, em 11/06/90, em diferente ordem. As demais condições foram testadas na segunda sessão, em 25/06/90.

A coluna "Acerto/Erro" refere-se não à resposta dada pelo paciente, mas sim ao "acerto" ou "erro" de sua resposta, em função da sentença apresentada. Ao final de cada condição está indicado o resultado estatístico obtido por P.

**ANEXO B**

O anexo "B" representa as sentenças na ordem exata em que foram apresentadas ao paciente. A coluna "Resposta do paciente" indica se ele respondeu "Boa" ou "Ruim" para a sentença. Foram acrescentados, resumidamente, comentários feitos por P com relação a algumas das sentenças.

**ANEXO C**

O anexo "C" exemplifica o tipo de análise estatística apresentada como análise de dados de testes metalingüísticos, aplicados a pacientes agramáticos, retiradas de estudos de Linebarger et al. (1985).

ANEXO A

**TESTE DE JULGAMENTO DE GRAMATICALIDADE**  
**ADAPTAÇÃO PARA PORTUGUÊS**

PACIENTE: P

DATA: 11/06/90

CONDICAO 1: SUBCATEGORIZAÇÃO ESTRITA

(QUESTÕES: 1 - 44)

| SENTENÇAS:                               | ACERTO/ERRO |
|--|-------------|
| 1. * Ele veio minha casa às 6 horas.     | C           |
| 2. Ele veio pra minha casa às 6 horas.   | C           |
| 3. Maria chegou na cidade ontem.         | C           |
| 4. * Maria chegou pra cidade ontem.      | E           |
| 5. * Maria chegou cidade ontem.          | E           |
| 5b. * Maria chegou cidade.               | C           |
| 6. Maria chegou à cidade ontem.          | C           |
| 7. João saiu da casa pela manhã.         | E           |
| 7b. João saiu da casa.                   | E           |
| 7c. Maria saiu de casa.                  | E           |
| 7d. João e Maria sairam de casa.         | E           |
| 7e. João saiu de casa com Maria.         | C           |
| 8. * João saiu casa pela manhã.          | C           |
| 9. * O menino caiu a pedra               | C           |
| 10. A pedra caiu.                        | E           |
| 10b. O menino jogou a pedra.             | C           |
| 11. O menino caiu.                       | C           |
| 12. Meu pai comprou um carro e uma moto. | C           |
| 13. * Meu pai e minha mãe compraram.     | C           |

14. \* Meus irmãos compraram para mim. C
15. Eu comprei um lindo brinquedo. C
16. Eu amo a minha família. C
17. \* Eu amo da minha família. C
18. \* Eu quero de um pouco arroz e feijão. C
19. Eu quero um pouco de arroz e feijão. C
20. A professora comeu. C
21. A professora comeu uma maçã. C
22. A professora comeu de uma maçã. C
23. O pintor acabou o serviço. C
24. O pintor acabou para o serviço. E
25. A professora comeu uma maçã rapidamente. E
26. \* A professora tem uma maçã rapidamente. C
27. O menino fez o serviço rapidamente. E
28. O menino fez para a mãe rapidamente. Não Respondeu
29. Eu gosto da minha família. C
30. \* Eu gosto minha família. C
31. Pedro e João gostam muito de Maria. C
32. \* Pedro e João gostam muito Maria. C
33. \* Eu não lembrava mais Pedro. C
34. Eu não lembrava mais do Pedro. E
35. \* O Pedro lembrava mim. C
36. O Pedro lembrava de mim. C
37. \* Paulo deu flores Paula. C
38. Paulo deu flores pra Paula. C
39. Paula ganhou de Paulo. C
40. Paula ganhou flores. C

41. Paula ganhou flores de Paulo. C
42. O aposentado recebeu do governo o pagamento. E
43. \* O aposentado recebeu governo o pagamento. E
44. O aposentado recebeu do governo. C

RESULTADOS PARA A CONDIÇÃO 1:

Total de Sentenças: 50  
Acertos: 37  
Erros: 13

Porcentagem de Acertos: 74%

Porcentagem de Erros: 26%

CONDICAO 4: ELEMENTOS VAZIOS

(QUESTÕES 45 - 90)

| SENTENÇAS  | ACERTOS/ERROS |
|--|---------------|
| 45. Quem você disse que o Paulo viu ontem?                       | E             |
| 46. Qual você vai escolher?                                      | C             |
| 47.* Que disco você quer os enfeites para presente?              | C             |
| 48.* Que emprego você achava que o João ia conseguir o trabalho? | E             |
| 49. Que presente você acha que Maria vai ganhar?                 | C             |
| 50. Qual a música que o João ia cantar?                          | C             |
| 51.* Que lanche você acha que as crianças vão preferir os doces? | C             |
| 52. Que tipo de comida você gostaria de comer?                   | C             |
| 53.* Que tipo de comida você acha que gostaria de comer o arroz? | E             |
| 54.* Qual o nome que você gostaria de ter o carro?               | N.T.          |
| 55. Quem você acha que convidaria o João pra festa?              | C             |
| 56. Quem você pensa que fez a melhor prova?                      | C             |
| 57.* Qual deles você acha que João merece o prêmio?              | C             |
| 58. Quem você gostaria que fosse com você?                       | E             |
| 59. Qual parente você espera que venha à sua casa?               | C             |
| 60. Quem você espera que venha à sua casa?                       | C             |
| 61. Qual menina você deseja que vença o concurso?                | E             |
| 61b. Qual menina você deseja que ganhe o concurso?               | C             |
| 62. Qual delas você acha que merece um castigo?                  | N.T.          |
| 63. Que bicho você acha que fugiu do zoológico?                  | E             |
| 64. Qual irmão você acha que vai passear com você?               | E             |

65. João queria conseguir o emprego. C
- 66.\* Maria pretende Joana viajar em Dezembro. E
- 67.\* Eu gostaria de Maza ganhar na loteria. E
68. Pedro quer casar com Joana. C
69. Mamãe quer festear o aniversário. C
70. A menina pretende estudar para a prova. C
- 70b.\*A menina pretende João estudar para a prova. C
- 71.\* O menino precisa a menina estudar para o exame. E
- 72.\* Francisco gostaria de Faúlto conseguir o emprego. E
73. O aluno precisava de estudar para o teste. N.T.
- 74.\* João e Maria queriam a gente namorar em casa. C
75. Os gatos pareciam gostar de leite. C
- 75b. Os gatos gostam de leite. C
- 76.\* Os animais queriam os gatinhos ficar em paz. E
- 77.\* O tempo parecia o calor melhorar. E
78. A viagem parecia não acabar. E
79. A criança queria passar de ano. C
80. A polícia precisava prender o ladrão. C
- 81.\* O mágico queria João fazer uma mágica muito difícil. C
82. O ladrão tentou escapar pela janela. E
- 83.\* O piloto parecia o passageiro estar muito cansado. C
84. A menina tentou falar pelo telefone. E
- 84a. A menina tentou falar no telefone. C
- 84b. A menina tentou falar por telefone. C
85. Este emprego era esperado que João conseguir. E
- 86.\* Esta menina era esperado que João amar. C
- 87.\* Este ladrão eu esperava que a polícia prender. C
- 88.\* Aquele animal eu achava que o caçador matar. E

89. Este emprego esperava-se que Frank conseguisse. N.T.

90.\* Meu aluno eu pretendia que você ensinar. C

---

**RESULTADOS PARA A CONDIÇÃO 4:**

---

Total de questões : 51

Não foram testadas: 4

Total: 47

Acertos: 29

Erros: 18

Porcentagem de Acertos: 62%

Porcentagem de Erros: 38%

---

Obs: N.T. significa que estas sentenças não foram testadas.

SEGUNDA SESSÃO DE TESTES

DATA: 01-10-1990

CONDICAO 7: RELATIVAS SEM CATEGORIA VAZIA

(QUESTÕES: 94 a 124)

94. \* Maria comeu o pão que eu fiz um bolo. C
95. \* A menina fez as tarefas que as professoras mandaram as lições. E
96. \* A menina fez um trabalho que ficou bonita a tarefa. E
97. \* Clara comprou muitas coisas que o moço entregou as compras. C
98. A menina fez a tarefa que a professora mandou. C
99. \* Pedro construiu a casa que João comprou e construção. C
100. João construiu a casa que Pedro comprou. C
101. O aluno fez a lição que a professora pediu. C
102. Maria comeu o pão que eu fiz. C
103. P respondeu o teste que a Masa aplicou. C
- 104.\* O aluno fez a lição que a professora mandou um caderno. C
- 105.\* P respondeu o teste que a Masa aplicou a pergunta. E
- 106.\* Gosto dos partidos políticos que o Pedro gosta dos candidatos. C
107. Os candidatos ao governo do estado fizeram comícios que muita gente assistiu. N.T.
108. Gosto dos mesmos partidos políticos que o Pedro gosta. E
- 109.\* Os candidatos ao governo do estado fizeram comícios que muita gente assistiu às palestras. C
- 110.\* As meninas dançavam nas festas que eram promovidas as danças pelo comitê. C

- b. As meninas dançavam nas festas que eram promovidas pelo comitê. C
- 111.\* As professoras bolaram as provas que os alunos fizeram os exames. C
- 112.\* Os alunos realizaram os exames que as professoras pediram os testes. E
113. As professoras bolaram as provas que os alunos fizeram. N.T.
114. Os alunos realizaram os exames que as professoras pediram. C
- 115.\* Mickey comprou um buquê de flores que deu à Minie o presente. C
- 116.\* Minie recebeu as flores que Mickey lhe enviou um presente. C
- 117.\* Donald mandou à Margarida as flores que havia comprado na feira o carro. C
118. Mickey comprou um buquê de flores que deu à Minie. C
119. Minie recebeu as flores que Mickey lhe enviou. C
120. Donald mandou à Margarida as flores que havia comprado na feira. N.T
- 121.\* Maria comeu um pedaço de bolo que eu fiz a tarefa. C
122. Pedro construiu a casa que João mora. C
123. Maria comprou as flores que Clara viu na feira. C
- 124.\* Clara comprou as flores que Maria viu na feira as crianças. C

---

#### RESULTADOS PARA A CONDIÇÃO Z

Total de Questões: 32  
 Não foram testadas: 3  
 Total: 29  
 Acertos: 24  
 Erros: 5  
 Porcentagem de Acertos: 83%  
 Porcentagem de Erros: 17%

---

Obs: N.T. significa que estas sentenças não foram testadas

CONDICAO 8: REGRAS DE FORMACAO DE SINTAGMAS

(QUESTOES: 125 a 160)

125. \* A carta estava cheia erros. C
126. A carta estava cheia de erros. E
127. \* Você recebeu a carta cheia erros? C
128. \* O vaso estava repleto flores. C
129. O vaso estava repleto de flores. C
130. \* Quebrou o vaso que estava repleto flores? C
131. \* O presente minha mãe é muito bonito. E
132. O presente para minha mãe é muito bonito. C
133. \* O presente minha mãe recebeu é muito bonito. E
134. \* Você gosta do presente minha mãe? C
135. \* O carro meu pai é novinho. C
136. \* O carro meu pai comprou é novinho. C
137. O carro que meu pai comprou é novinho. C
138. O carro do meu pai é novinho. C
139. \* A tarefa a professora é difícil. C
- 139b. A tarefa que a professora deu é difícil. C
140. \* O livro a estante eu preciso ler. C
141. O livro que está na estante eu preciso ler. C
142. O livro que eu preciso ler está na estante. C
143. \* O gato o cachorro corre atrás. C
144. O gato, o cachorro corre atrás.  
(topicalizando "gato") C
145. \* O gato o cavalo o cachorro eu comprei para meu filho. E
146. Eu comprei para meu filho o gato, o cavalo e o cachorro. C

147. \* O caderno João está em cima da mesa. C
148. O caderno do João está em cima da mesa. C
149. O caderno, João, está em cima da mesa.  
(topicalizando "o caderno" e enfatizando "João"  
como um vocativo) C
150. A mesa João usa para estudar.  
(topicalizar "a mesa") C
- 151.\* As flores Minie são muito bonitas. C
152. As flores para Minie são muito bonitas. C
- 153.\* As flores Minie ganhou são muito bonitas. C  
b. As flores que Minie ganhou são muito bonitas. C
- 154.\* O homem seu carro está lavando.  
(sem topicalizar) C
155. O homem, seu carro está lavando. (topicalizando) C
156. O homem está lavando seu carro. C
157. O menino está lavando o carro de seu pai. E
158. \* O menino o carro de seu pai está lavando. C
159. O menino, o carro de seu pai está lavando. C
160. Seu carro está lavando. E

## RESULTADOS PARA A CONDIÇÃO 8:

Total de Sentenças: 38  
Não foram testadas: -  
Total: 38

Acertos: 33  
Erros: 5

Porcentagem de Acertos: 87%  
Porcentagem de Erros: 13%

**CONDICAO 9: REFLEXIVAS**

(Questões 161 a 184)

161. Eu me vi toda despenteadas naquele grande espelho. E
- 162.\*Eu se vi toda desarrumada na hora de ir para  
a festa. C
163. Você se acha bonito? C
164. Eu te vi ontem à noite na festa de aniversário. C
165. Você me viu ontem na festa de aniversário? E
- 166.\*Você se viu você mesmo no espelho? C
167. Eles se surpreenderam com o serviço. C
- 168.\*Eu se surpreendi com a rapidez do atendimento. E
- 169.\*Você me surpreendeu você mesmo com a rapidez do  
serviço. C
170. Nós nos falamos por telefone, ontem à tarde. C
- 171.\*Nós se vimos ontem pela última vez. E
172. Elas nos falaram sobre o que aconteceu. C
173. Eles nos viram pelo espelho. C
- 174.\*Eles surpreenderam eu mesmo com a novidade C
- 174b \* Nós ajudamos eles mesmos a fazer o trabalho. C
175. Eles me viram numa situação delicada. E
- 175b. Eles me viram numa situação agradável. C
176. Eles se viram numa situação delicada. C
177. Eles nos viram numa situação delicada. E
178. Eles viram eles mesmos no espelho. E
179. \*Eles viram vocês mesmos refletidos na água. C
180. \*Eu nos vi refletido no espelho. C
181. Aquelas meninas se encantaram com a música. N.T.
182. Os garotos nos falaram sobre vocês. C

183. As fadas balancavam-se nos galhos das árvores. N.T.

184. Os gatos deixavam-me levar pela água. N.T.

**RESULTADOS PARA A CONDIÇÃO 9**

Total de Questões: 26

Não foram testadas: 3

Total: 23

Acertos: 16

Erros: 7

Porcentagem de Acertos: 70%

Porcentagem de Erros: 30%

N.T. significa que as sentenças não foram testadas

CONDICAO 10: TAG QUESTIONS - COPIA DO AUXILIAR

(Questões : 185 a 203)

185. \* Está na hora de recomeçar, não estão? E
186. \* As crianças, hoje em dia, parecem mais espertas C do que antigamente, não parecem?
187. Parece que hoje em dia as crianças são mais N.T. espertas do que antigamente, não parece?
188. As crianças, hoje em dia, parecem mais espertas do N.T. que antigamente, não parecem?
189. \* Pedro está muito cansado hoje, não estão? C
190. \* Estou parecendo um pouco cansada hoje, não está? E
191. O livro de Português estava perto da estante, E ontem, não estava?
192. O caderno de Matemática esteve largado sobre a mesa por vários dias, não esteve? E
193. \* A lição de Matemática foi feita às pressas, E não foram?
194. \* A carta foi escrita pouco antes do almoço, C não estava?
195. \* Os exercícios foram feitos em casa, não estavam? C
196. As crianças estavam muito felizes, não pareciam? C
197. As crianças pareciam muito contentes, C não estavam?
198. \* Você falou qualquer coisa a respeito do clima, C falou?
199. \* Você não está cansado hoje, não está? E
200. \* Os meninos não jogam mais futebol como C antigamente, não jogam?
201. \* As férias servem para descansar e para C passear, não serviam?

202. \* As músicas de antigamente eram muito melhores  
que as músicas de hoje, não são? C
203. \* Bons tempos aqueles em que o dinheiro  
valia alguma coisa, não serão? E

---

**RESULTADOS PARA A CONDIÇÃO 10**

---

Total de Questões: 19

Não foram testadas: 2

Total: 17

Acertos: 10

Erros: 7

Porcentagem de Acertos: 59%

Porcentagem de Erros: 41%

---

N.T. significa que estas sentenças não foram testadas.

ANEXO BTESTE DE JULGAMENTO DE GRAMATICALIDADEAPRESENTAÇÃO DAS SENTENÇAS NA ORDEM EM QUE FORAM TESTADAS

(Comentários de P e explicações da investigadora também resumidamente apresentados)

DATA: 11/JUNHO/1990 - PRIMEIRA ETAPA DO TESTE

PACIENTE: "P" - DESCRIÇÃO CLÍNICA: - AGRAMATISMO

| SENTENÇAS   | Resp. do paciente |
|---|-------------------|
| 25. A professora comeu uma maçã rapidamente                     | RUIM              |
| 50. Qual a música que o João ia cantar?                         | BOA               |
| 72. Francisco gostaria de Paulo conseguir o emprego.            | BOA               |
| 41. Paula ganhou flores de Paulo.                               | BOA               |
| 19. Eu quero um pouco de arroz e feijão.                        | BOA               |
| 53. Que tipo de comida você acha que gostaria de comer o arroz? | BOA               |
| 49. Que presente você acha que a Maria vai ganhar?              | BOA               |
| 35. O Pedro lembra mim.   | RUIM              |
| 81. O mágico queria João fazer uma mágica muito difícil.        | RUIM              |
| 80. A polícia precisava prender o ladrão.                       | BOA               |
| 22. A professora comeu de uma maçã.                             | RUIM              |
| 42. O aposentado recebeu do governo o pagamento.                | RUIM              |
| 1. Ele veio minha casa às 6 horas.                              | RUIM              |
| 57. Qual deles você acha que João merece o prêmio?              | RUIM              |
| 82. O ladrão tentou escapar pela janela.                        | RUIM              |

24. O pintor acabou para o serviço. BOA
8. João saiu casa pela manhã. RUIM
34. Eu não lembava mais do Pedro. RUIM
71. O menino precisa a menina estudar para o exame. BOA
75. Os gatos pareciam gostar de leite. BOA  
75b. Os gatos gostam de leite. BOA
5. Maria chegou cidade ontem. BOA
- 5b. Maria chegou cidade. RUIM
38. Paulo deu flores pra Paula. BOA
40. Paula ganhou flores. BOA
20. A professora comeu. BOA
89. Aquela animal eu achava que o caçador matar. BOA
43. O aposentado recebeu governo o pagamento. BOA
13. Meu pai e minha mãe compraram.  
(Perguntou "o quê" e comentou que falta alguma coisa) RUIM
15. Eu comprei um lindo brinquedo. BOA
11. O menino caiu. BOA
65. João queria conseguir o emprego. BOA
21. A professora comeu uma maçã. BOA
68. Pedro quer casar com Joana. BOA
84. A menina tentou falar pelo telefone.  
no (ruim)  
por (boa) RUIM
33. Eu não lembraço mais Pedro. RUIM
6. Maria chegou à cidade ontem. BOA
16. Eu amo a minha família. BOA
3. Maria chegou na cidade ontem. BOA

(P: "cansado não pode, né...?"  
 Inv: o piloto não pode estar cansado?  
 P: "passageiro, cansado! Piloto não...  
 passageiro pode, piloto não pode")

(NOVA EXPLICACAO)

28. O menino fez para a mãe rapidamente.   Não respondeu
32. Pedro e João gostam muito de Maria.   CERTA
27. O menino fez o serviço rapidamente.   ERRADO  
 (P: precisa... como é que chama? não dá certo, né?)

(NOVA EXPLICACAO)

58. Quem você gostaria que fosse com você?                                   ERRADA
77. O tempo parecia o calor melhorar.   CERTO
46. Qual você vai escolher?  
 (P: QUEM?)   CERTO
29. Eu gosto da minha família.   CERTO

INTERVALO

DATA: 25/06/90 - (CONT.) SEGUNDA SESSÃO DE APLICAÇÃO DO  
TESTE DE JULGAMENTO DE GRAMATICALIDADE

SENTENÇAS:   Resposta:

123. Maria comprou as flores que Clara viu na feira.   BOA
141. O livro que eu preciso ler está na estante.                                   BOA
102. Maria comeu o pão que eu fiz.   BOA
103. Sr. Uriel respondeu o teste que a Masa aplicou.                           BOA
110. As meninas dançavam nas festas que eram promovidas as danças pelo comitê   RUIM

48. Que emprego você acha que o João ia conseguir o trabalho? BOA
60. Quem você espera que venha à sua casa?  
(Perguntou "pra quê") BOA
45. Quem você disse que o Paulo viu ontem? RUIM
52. Que tipo de comida você gostaria de comer? BOA
23. O pintor acabou o serviço. BOA
44. O aposentado recebeu do governo. BOA
14. Meus irmãos compraram para mim. RUIM
32. Pedro e João gostam muito Maria. ERRADA
39. Paula ganhou de Paulo.  
(presente? perfume!) BOA
31. Pedro e João gostam muito de Maria. BOA
37. Paulo deu flores Paula. RUIM
18. Eu quero de um pouco arroz e feijão. RUIM
9. O menino caiu a pedra. RUIM
12. Meu pai comprou um carro e uma moto. BOA
63. Que bicho você acha que fugiu do zoológico? RUIM
36. O Pedro lembrava de mim. BOA
30. Eu gosto minha família.  
(Tá faltando) RUIM
10. A pedra caiu. RUIM
- 10b. O menino jogou a pedra. BOA
7. João saiu da casa pela manhã. RUIM
- 7b. João saiu da casa. RUIM
- 7c. Maria saiu de casa.  
(Dois - homem e mulher) RUIM
- 7d. João e Maria saíram de casa. RUIM
- 7e. João saiu da casa com Maria. BOA
67. Eu gostaria de Maza ganhar na loteria. BOA
85. Este emprego era esperado que João conseguir. BOA
4. Maria chegou pra cidade ontem. BOA

26. A professora tem uma maçã rapidamente RUIM  
 59. Qual parente você espera que venha à sua casa? BOA  
 79. A criança queria passar de ano. BOA

"SEGUNDA SESSÃO" - REALIZADA EM 25/06/90

69. Mamãe quer festear o aniversário. CERTA  
 74. João e Maria queriam a gente namorar em casa. ERRADA  
 86. Esta menina era esperado que João amar. ERRADA  
 78. A viagem parecia não acabar. ERRADA  
 70. A menina pretende estudar para a prova. CERTA  
 70b. A menina pretende João estudar para a prova. ERRADA  
 55. Quem você acha que convidaria o João pra festa? ERRADA  
 76. Os animais queriam os gatinhos ficar em paz. CERTA  
 90. Meu aluno eu pretendia que você ensinar. ERRADA  
 47. Que disco você quer os enfeites de presente? ERRADA  
 51. Que lanche você acha que as crianças vão preferir os doces? ERRADA  
 64. Qual irmão você acha que vai passear com você? ERRADA  
 87. Este ladrão eu esperava que a polícia prender. ERRADA  
 66. Maria pretende Joana viajar em Dezembro. CERTA  
 2. Ele veio para a minha casa às 6 horas. CERTA  
 61. Qual menina você deseja que vença o concurso? ERRADA  
 61b. Qual menina você deseja que ganhe o concurso? CERTA  
 17. Eu amo da minha família. ERRADA  
 56. Quem você pensa que fez a melhor prova? CERTA  
 83. O piloto parecia o passageiro estar muito cansado. ERRADO

|   |              |
|---|--------------|
| b) As meninas dançavam nas festas que eram promovidas pelo comitê                               | CERTA        |
| 104. O aluno fez a lição que a professora mandou um caderno.                                    | RUIM         |
| 109. Os candidatos ao governo do estado fizeram comícios que muita gente assistiu às palestras. | FALTA        |
| 136. O carro do meu pai é novinho.  | BOA          |
| 137. O carro que meu pai comprou é novinho.   | BOA          |
| 139. A tarefa a professora é difícil.<br>b) A tarefa que a professora deu é difícil             | FALTA<br>BOA |
| 150. A mesa, João usa para estudar (topicalizar "a mesa")                                       | BOA          |
| 163. Você se acha bonito?   | BOA          |
| 179. Eles viram vocês mesmos refletidos na água.  | RUIM         |
| 182. Os garotos nos falaram sobre vocês.  | BOA          |
| 132. O presente para minha mãe é muito bonito.  | BOA          |
| 101. O aluno fez a lição que o professor pediu.   | BOA          |
| 111. As professoras bolaram (inventaram) as provas que os alunos fizeram os exames.             | FALTA        |
| 133. O presente minha mãe recebeu é muito bonito.   | BOA          |
| 136. O carro meu pai comprou é novinho.   | BOA          |
| 105. Sr. Uriel respondeu o teste que a Mesa aplicou a pergunta.                                 | BOA          |
| 174. Nós ajudamos eles mesmos a fazer o trabalho.   | FALTA        |
| 138. A tarefa que a professora mandou é difícil.  | MAL          |
| 155. O homem, seu carro está lavando (topicalizar)  | BOA          |
| 134. Você gosta do presente minha mãe?  | RUIM         |
| 124. Clara comprou as flores que Maria viu na feira as crianças.                                | RUIM         |
| 140. O livro a estante eu preciso ler.  | RUIM         |
| 141. O livro que está na estante eu preciso ler.  | BOA          |

160. Seu carro está lavando. BOA
- 110 a. As meninas dançavam nas festas que eram promovidas pelo comitê. CERTA
176. Eles me viram numa situação delicada. ERRADA  
 (Inv: Difícil ; P: "Mal"  
 Inv: Agradável; P:"Boa")
180. Eu nos vi refletido no espelho. MAL
147. O caderno João está em cima da mesa. MAL
125. A carta estava cheia erros. MAL  
 (Prevaleceu a idéia de que a carta não podia ter erros)
112. Os alunos realizaram os exames que as professoras BOA pediram os testes.
168. Eu se surpreendi com a rapidez do atendimento. BOA  
 (Perguntei se eu posso dizer "Eu se" ou se deveria dizer "eu me". P respondeu que o certo é "eu me")
177. Eles nos viram numa situação delicada. MAL
143. O gato o cachorro corre atrás (sem topicalizar) BOA  
 (Topicalizei "o gato")
106. Gosto dos partidos políticos que o Pedro gosta dos candidatos. MAL
96. A menina fez um trabalho que ficou bonita a tarefa. BOA
131. O presente minha mãe é muito bonito. BOA
148. O caderno do João Está em cima da mesa. BOA
94. Maria comeu o pão que eu fiz um bolo. MAL
126. A carta estava cheia de erros. MAL  
 (Apesar da explicação, continua argumentando que não pode ter "erros")
144. O gato, o cachorro corre atrás  
 (topicalizar "o gato") BOA
161. Eu me vi toda despenteada no espelho. MAL  
 (P: "Cabelo tem que tá penteados!")  
 (Insiste que não posso falar assim, mesmo que seja verdade; está errado)
185. Está na hora de recomeçar, não estão? BOA

186. As crianças, hoje em dia, parecem mais espertas do que antigamente, não pareço?  
(Se coloco as opções "pareço" e "parecem", entende porquê está errada) ERRADA
203. Bons tempos aqueles em que o dinheiro valia alguma coisa, não serão?  
("E se eu disser "não eram"? P: entendeu.) ERRADA
159. O menino, o carro de seu pai está lavando. BOA
141. O livro que está na estante, eu preciso ler. BOA
122. Pedro construiu a casa que João mora. BOA
100. João construiu a casa que Pedro comprou. BOA
95. A menina fez as tarefas que as professoras mandaram as lições CERTA
108. Gosto dos mesmos partidos políticos que o Pedro gosta  
(Explicando com exemplo, entende a frase) ERRADO
127. Você recebeu a carta cheia erros?  
(Nota-se que o problema ainda está relacionado com a palavra "erros") ERRADA
145. O gato o cavalo o cachorro eu comprei para meu filho. CERTA
162. Eu se vi toda desarrumada na hora de ir para a festa  
(Problema "desarrumada" - tem que ir para a festa bem arrumada - mostro o problema "eu se vi". INV: "E se eu disser: "eu se vi toda bonita?" - P: "tá bom". INV: "Posso falar "se vi toda bonita?" P: "não pode") ERRADA

NOVA EXPLICAÇÃO

194. A carta foi escrita pouco antes do almoço, não estava?  
(usando "não foi" - P: "tá boa") ERRADA
202. As músicas de antigamente eram muito melhores que as músicas de hoje, não são?  
(Pergunto se ele acha que as músicas de antigamente eram melhores - P: sim) BOA
201. As férias servem para descansar e para passear, não serviam? RUIM

- ("As férias servem para descansar e para passear, não servem?" P: Boa")
164. Eu te vi ontem à noite na festa de aniversário. BOA
146. Eu comprei para meu filho o gato, o cavalo e o cachorro BOA
158. O menino o carro de seu pai está lavando RUIM
128. O vaso estava repleto flores. RUIM
140. A tarefa a professora mandou é difícil  
("A tarefa que a professora mandou"  
P: Errada também - deve ter se concentrado em "difícil") RUIM
117. Donald mandou para Margarida as flores que havia comprado na feira o carro RUIM
121. Maria comeu um pedaço do bolo que eu fiz a tarefa  
"O que a Maria comeu?" P: Bolo  
"E o que eu fiz?" P: "Bolo" "Então, "tarefa" não tem nada a ver". RUIM
97. Clara comprou muitas coisas que o moço entregou as compras. RUIM
99. Pedro construiu a casa que João comprou a construção. RUIM
98. A menina fez a tarefa que a professora mandou. BOA
114. Os alunos realizaram os exames que as professoras pediram. BOA
129. O vaso estava repleto de flores. BOA
135. O carro meu pai é novinho.  
("o que tá faltando?" - explicação  
"Carro do meu pai") ERRADO
149. O caderno, João, está em cima da mesa.  
(Topicalizando "caderno" e usando "João" como vocativo) - (Utilizei outro exemplo: "O gravador, Sr. Uriel, está em cima da mesa" - ele entendeu) ERRADO
157. O menino está lavando o carro de seu pai. ERRADO
165. Você me viu ontem na festa de aniversário?  
(Contextualizando entendeu e disse que está certa) ERRADO

|      |  |        |
|------|--|--------|
| 200. | Os meninos não jogam mais futebol como antigamente, não jogam?   | CERTO  |
| 197. | As crianças pareciam muito contentes, não estavam?   | CERTA  |
| 166. | Você se viu você mesmo no espelho?   | ERRADO |
| 178. | Eles viram eles mesmos no espelho.   | ERRADO |
| 150. | A mesa João usa para estudar.  | ERRADO |
| 156. | O homem está lavando seu carro   | CERTO  |
| 130. | Quebrou o vaso que estava repleto de flores? (Contextualizando)<br>(Disse que não estava certo. P: "caiu")               | CERTO  |
| 115. | Mickey comprou um buquê de flores que deu para Minie o presente.   | ERRADO |
| 116. | Minie recebeu as flores que Mickey lhe enviou um presente.   | ERRADO |
| 119. | Minie recebeu as flores que Mickey lhe enviou.<br>(Minie recebeu as flores que Mickey lhe enviou de presente. P: errado) | CERTO  |
| 118. | Mickey comprou um buquê de flores que deu para Minie   | CERTO  |
| 151. | As flores Minie são muito bonitas.   | CERTO  |
| 154. | O homem seu carro está lavando.  | ERRADO |
| 167. | Eles se surpreenderam com o serviço.   | CERTO  |
| 176. | Eles se viram numa situação delicada.  | CERTO  |
| 189. | Pedro está muito cansado hoje, não estão?  | ERRADO |
| 193. | A lição de Matemática foi feita às pressas, não foram?<br>(P: não pode fazer depressa)                                   | ERRADO |
| 192. | O caderno de Matemática estava largado sobre a mesa por vários dias, não esteve?<br>(Reclamou: muito comprida a frase)   | ERRADO |

(Reclamou: muito comprida a frase)

170. Nós nos falamos por telefone, ontem à tarde CERTO  
 ("Nós se falamos - P: errado")
169. Você me surpreendeu você mesmo com a rapidez ERRADO  
 do serviço.
174. Eles surpreenderam eu mesmo com a novidade ERRADO
151. As flores Minie são muito bonitas ERRADO
- 153A. As flores que Minie ganhou são muito bonitas. CERTO
172. Elas nos falarão sobre o que aconteceu CERTO
173. Eles nos viram pelo espelho. CERTO
190. Estou parecendo um pouco cansada hoje, não está?  
 (Entendeu após explicação) CERTO
199. Você não está cansado hoje, não está? CERTO
171. Nós se vimos ontem pela última vez. CERTO  
 (Nós se vimos ou nós nos vimos P: nos)
152. As flores para Minie são muito bonitas. CERTO
153. As flores Minie ganhou são muito bonitas ERRADO
191. O livro de Português estava perto da ERRADO  
 estante, ontem, não estava?  
 (aceita "ontem" no início da frase,  
 depois entende e aceita "ontem" na  
 posição original; não avalia a Q-tag.)
195. Os exercícios foram feitos em casa, não ERRADO  
 estavam?
196. As crianças estavam muito felizes, não ERRADO  
 pareciam?
198. Você falou qualquer coisa a respeito do clima, ERRADO  
 falou?  
 (não falou - certo)

ANEXO C

**Resumo dos resultados obtidos no Teste de Julgamento de Gramaticalidade por Linebarger et al. (1983)**

**Table 4.2**  
*Grammaticality Judgments by Four Agrammatic Aphasics*

| Condition                | V.S.              |                           |        | L.S.            |      |              | E.B.   |     |      | A.T.         |        |     |      |              |        |    |
|--------------------------|-------------------|---------------------------|--------|-----------------|------|--------------|--------|-----|------|--------------|--------|-----|------|--------------|--------|----|
|                          | Hits <sup>a</sup> | False alarms <sup>b</sup> |        | A' <sup>c</sup> | Hits | False alarms |        | A'  | Hits | False alarms |        | A'  | Hits | False alarms |        | A' |
|                          |                   | False                     | alarms |                 |      | False        | alarms |     |      | False        | alarms |     |      | False        | alarms |    |
| Strict subcategorization | .90               | .00                       | .98    | .90             | .05  | .96          | 1.00   | .19 | .95  | 1.00         | .48    | .86 |      |              |        |    |
| Particle movement        | .90               | .10                       | .94    | .93             | .00  | .98          | .97    | .40 | .88  | 1.00         | .50    | .88 |      |              |        |    |
| Subject-Aux inversion    | 1.00              | .05                       | .99    | .90             | .00  | .98          | .95    | .10 | .96  | 1.00         | .50    | .88 |      |              |        |    |
| Empty elements           | .90               | .13                       | .94    | .92             | .23  | .90          | 1.00   | .08 | .98  | 1.00         | .45    | .89 |      |              |        |    |
| Tags: Subj. copy         | .05               | .00                       | .76    | .80             | .35  | .81          | .95    | .60 | .81  | .85          | .30    | .86 |      |              |        |    |
| Left branch              | 1.00              | .05                       | .99    | 1.00            | .10  | .98          | .95    | .35 | .89  | 1.00         | .55    | .86 |      |              |        |    |
| Gapless relatives        | 1.00              | .10                       | .98    | .95             | .10  | .96          | .95    | .40 | .87  | 1.00         | .65    | .84 |      |              |        |    |
| Phrase structure         | .85               | .00                       | .96    | .90             | .05  | .96          | 1.00   | .00 | 1.00 | 1.00         | .35    | .91 |      |              |        |    |
| Reflexives               | .95               | .10                       | .96    | 1.00            | .70  | .83          | .95    | .70 | .77  | 1.00         | 1.00   | —   |      |              |        |    |
| Tags: Aux copy           | .00               | .00                       | —      | .65             | .30  | .76          | .95    | .10 | .96  | .70          | .65    | .55 |      |              |        |    |

<sup>a</sup>P(Rg/Sg): proportion of well-formed sentences to which subject replies "good" (i.e., "hits").

<sup>b</sup>P(Rg/Sb): proportion of ill-formed sentences to which subject replies "good" (i.e., "false alarms").

<sup>c</sup>A' = index of sensitivity;  $A' = .5 + (y - x)(1 + y - x)/y(1 - x)$ , where x = P(Rg/Sb) and y = P(Rg/Sg).

Resumo das Condições Sintáticas do Teste de Julgamento de  
Gramaticalidade Linebarger et al.

| Condition                         | Examples  | No.<br>ill-formed<br>sentences | No.<br>well-formed<br>sentences |
|-----------------------------------|---|--------------------------------|---------------------------------|
| 1. Strict subcategorization       | a)* He came my house at six o'clock.<br>b) He came to my house at six o'clock.<br><br>c)* I hope you to go to the store now.<br>d) I want you to go to the store now.                                 | 21                             | 21                              |
| 2. Particle movement              | a)* She went the stairs up in a hurry.<br>b) She went up the stairs in a hurry.<br>c) She rolled the carpet up in a hurry.  | 20                             | 30                              |
| 3. Subject-aux inversion          | a)* Is the boy is having a good time?<br>b) Is the boy having a good time?<br><br>c)* Did the old man enjoying the view?<br>d) Did the old man enjoy the view?  | 20                             | 20                              |
| 4. Empty elements                 | a)* This job was expected Frank to get.<br>b) Which job did you expect Alfred to get?<br><br>c) Frank was expected to get the job.<br>d)* The workmen were expected would finish by noon.             | 40                             | 39                              |
| 5. Tag questions: Subject copying | a)* The little boy fell down, didn't it?<br>b) The little boy fell down, didn't he?   | 20                             | 20                              |
| 6. Left branch                    | a)* How many did you see birds in the park?<br>b) How many birds did you see in the park?   | 20                             | 20                              |
| 7. Gapless relative clauses       | a)* Mary ate the bread that I baked a cake.<br>b) Mary ate the bread that I baked.  | 20                             | 20                              |
| 8. Phrase structure rules         | a)* The gift my mother is very nice.<br>b) The gift my mother got is very nice.<br>c) The gift for my mother is very nice.  | 20                             | 20                              |
| 9. Reflexives                     | a)* I helped themselves to the birthday cake.<br>b) I helped myself to the birthday cake.<br><br>c)* The famous man itself attended the ceremony.<br>d) The famous man himself attended the ceremony. | 20                             | 20                              |
| 10. Tag questions: Aux copying    | a)* John is very tall, doesn't he?<br>b) John is very tall, isn't he?   | 20                             | 20                              |

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- BADECKER, W. & CARAMAZZA, A. (1985) On consideration of method and theory governing the use of clinical categories in neurolinguistics and cognitive neuropsychology: The case against agrammatism. *Cognition*, 20, 97 - 125.
- BERNDT, R. (1989) in Menn & Obler (1990: Prefácio) - *Agrammatism: - A Cross Language Study* - John Benjamins New York. Academic Press.
- BERNDT, R. & CARAMAZZA, A. (1980) "A redefinition of Broca's Aphasia: Implications for a neuropsychological model of Language. *Applied Psycholinguistics*, 1, p. 225-278.
- CAPLAN, D. (1985) "Syntactic and Semantic Structures in Agrammatism" in Kean, M.L. (1985). *Agrammatism*. Academic Press: New York.
- CARAMAZZA, A. & BERNDT, R. (1978) "Semantic and syntactic processes in aphasia: A review of the literature. *Psychological Bulletin*, 85, 898 - 918.
- (1985) "A Multicomponent Deficit View of Agrammatic Broca's Aphasia". In Kean, M. in *Agrammatism* - Academic Press: New York.
- CARAMAZZA, A. & ZURIF, (1976). Dissociation of algorithmic and heuristic processes in language comprehension: Evidence from aphasia. *Brain and Language*, 3, p. 572 - 582.
- CASTILHO, A. & PRETTI, D. (1986). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. Vol. II. T.A. Queiroz, Editor. Fapeep - São Paulo.
- COURDREY, M. I. H. (1988) - *Diário de Narciso - Discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda.

- & POSSENTI, S. (1991) "De que riem os afásicos" (mimeo).
- ELLIS, A. W. (1982) ed. - *Normality and Pathology in Cognitive Functions*. London: Academic Press.
- FRANCHI, C. (1976). *Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem*. Tese de Doutoramento. UNICAMP. Campinas. SP.
- FORSTER, E. (1919). Agrammatismus and Mangel an Antrieb nach Hirnverletzung. *Monatschrift für Psychiatrie und Neurologie*, 46, 1 - 43.
- GERALDI, J. W. (1990) *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda.
- GOODGLASS, H. (1976). Agrammatism. In H. Whitaker & H.A. Whitaker (Eds.). *Studies in neurolinguistics* (Vol. 1). New York: Academic Press.
- GOODGLASS, H. & MENN, L. (1985) "Is agrammatism a Unitary Phenomenon?" in Kean, M.L. (1985). *Agrammatism*. New York: Academic Press.
- GOLDSTEIN, K. (1948). *Language and Language Disturbances*. New York: Grune & Stratton.
- GORDON & CARAMAZZA (1982) "Lexical Decision for Open and Closed-Class words: Failure to Replicate Differential Frequency Sensitivity". *Brain and Language* 15, 143-160.
- (1983) "Closed and Open-class Lexical access in Agrammatic and Fluent Aphasics" *Brain and Language* 19, p. 335 - 345.
- GRODZINSKY, Y. (1982). "Syntactic representations in Agrammatism: Evidence from Hebrew". Paper presented at the Academy of Aphasia. Lake Mohonk, N.Y.
- (1984). "The syntactic characterization of Agrammatism. In *Cognition*, 16, p. 99 a 120.

- GRODZINSKY, Y., SWINNEY, D. & ZURIF, E. (1985). "Agrammatism: Structural Deficits and Antecedent Processing Disruptions". In Kean, M. L. . *Agrammatism*. New York: Academic Press.
- GUINDASTE, R. M. G. (1990) - trabalho apresentado na AlfaI, UNICAMP, a ser publicado.
- (1992) *Problemas Sintáticos e Soluções Pragmáticas* - tese de doutoramento em preparação - UNICAMP - Campinas, S.P.
- HEESCHEN, C. (1985) - "Agrammatism versus Paragrammatism: A Fictitious Opposition" in Kean, M.L. (1985). *Agrammatism*. New York: Academic Press.
- HEILBRONNER, K. (1906). Ueber Agrammatismus und die Störung der inneren Sprache. Archiv für Psychiatrie und Nerven-Krankheiten, 41, p. 653 - 683.
- ISSERLIN, M. (1922) - *Über Agrammatismus*. Z. ges. Neurol. Psychiat., 75, 322 - 410.
- JAKOBSON, R. (1956). Two Aspects of language and two types of aphasic disturbances. In R. Jakobson & M. Halle (Eds.), *Fundamentals of Language*. The Hague: Mouton
- (1963). *Essais de Linguistique générale*. Paris: Ed. de Minuit.
- (1964). Toward a linguistic typology of aphasic impairments. In A.V.G. De Reuck & M. O'Connor (Eds.), *Disorders of Language*. London: Churchill.
- KEAN, M. L. (1985) - *Agrammatism*. New York: Academic Press.
- KLEIST, K. (1916) - Über Leitungsapahasia und grammatische Störungen. Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie, 40, p. 118 - 199.
- KOLK, H. H. J., et AL. (1982). *On parallelism in Agrammatism: case study*. Unpublished manuscript, Catholic University, Nijmegen.

- KOLK, H. H. J. et AL. (1985) - "On Parallelism between Production and Comprehension in Agrammatism", in Kean, (1985), *Agrammatism*. New York: Academic Press
- LINEBARGER, M., SCHWARTZ, M. & SAFFRAN, E. (1983) "Sensitivity to grammatical structure in so-called agrammatic aphasics" in *Cognition*, 13 p. 361 - 392.
- LURIA, A. R. (1970) - *Traumatic Aphasia*. The Hague: Mouton.
- (1973) - *The Working Brain*. New York: Penguin Books.
- (1976) - *Basic Problems in Neurolinguistics*. The Hague: Mouton
- MAINQUENAU, D. (1989). *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes.
- MECCACI, L. (1984) - *Conhecendo o Cérebro*. Nobel: Instituto Italiano di Cultura di São Paulo - SP.
- MENN & OBLER (1990) - *Agrammatism: A cross-language study*. John Benjamins B.V.
- MICELLI, G., MAZZUCCHI, A., MENN, L. & GOODGLASS, H. (1983) Contrasting cases of Italian agrammatic aphasia without comprehension disorder. *Brain and Language*, 19, 65 - 97.
- MICELLI et al. (1989). "Variation in the Pattern of Omissions and Substitutions of Grammatical Morphemes in the Spontaneous Speech of So-Called Agrammatic Patients" in *Brain and Language* 36, pag. 447 - 492 Academic Press.
- MICELLI, et al. (1984). "On the Basis for the Agrammatics difficulty in producing main verbs. *Cortex*, 20, 207-220
- MICELLI, G. & CARAMAZZA, A. (1988) "Dissociation of Inflectional and Derivational Morphology" in *Brain and Language*, 35, 24 - 65.

- MILBERG, W. et al. (1981) Lexical Decision and aphasia: Evidence for semantic processing. *Brain and Language*, 14, p. 371 - 385.
- MORATO, E. M. (1991) "Das Funções e do Funcionamento da Linguagem: Um estudo das Reflexões de L.S. Vygotsky sobre a "Função Reguladora da Linguagem" e algumas implicações linguístico-cognitivas para a Neuropsicología". Tese de Mestrado - Unicamp, Campinas, SP.
- & COUDRY, M. I. (1991b) "Confabulações e digressão nas afasias: as formas marginais do dizer" (a publicar nos anais do GEL)
- PARISI, D. & GIORGI, A. (1981). *A procedure for the production of sentences*. Unpublished manuscript, Instituto di Psicologia, CNR, Rome.
- (1983). *A procedural approach to the study of Aphasia*. Paper presented at the European Workshop on Cognitive Neuropsychology, Bressanone, Italy.
- PECHEUX, M. (1990). *O Discurso - Estrutura ou Acontecimento?* Pontes, Campinas, SP.
- PETOCZ, A. & OLIPHANT, G. (1988) "Closed-Class Words as First Syllables do interfere with Lexical Decisions for Nonwords: Implications for Theories of Agrammatism. *Brain and Language* 34, 127 - 146.
- PICK, A. (1913). *Die agrammatischen Sprachstörungen*. Berlin Springer-Verlag.
- PITRES, A. (1898). *Léphasie amnésique et ses variétés cliniques*. Progrès. méd., 28, 17 - 23.
- POSSENTI, S. (1988). *Discurso, Estilo e Subjetividade*. São Paulo : Martins Fontes.
- SALOMON, E. (1914). Motorische Aphasie mit Agrammatismus und sensorisch - Agrammatischen Störungen. *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, 35, p. 181 - 275.

SCHWARTZ, M. F., SAFFRAN, E. M., & MARIN, O. S. M. (1980).  
The word order problem in agrammatism: I. Comprehension.  
*Brain and Language*, 10, p. 249 - 262.

SAFFRAN, E.M. ET AL. (1980). "The word order problem in  
Agrammatism: II. Production. *Brain and Language*, 10, p.  
263 - 280.

TISSOT, R.J., MOUNIN, G., & LHERMITTE, F. (1973)  
*Agrammatisme*. Brussels: Dessaert.

ZURIF, E.B., CARAMAZZA, A. & MYERSON, R. (1972) Grammatical  
judgments of agrammatic aphasics. *Neuropsychologia*, 10  
p. 405 - 417.